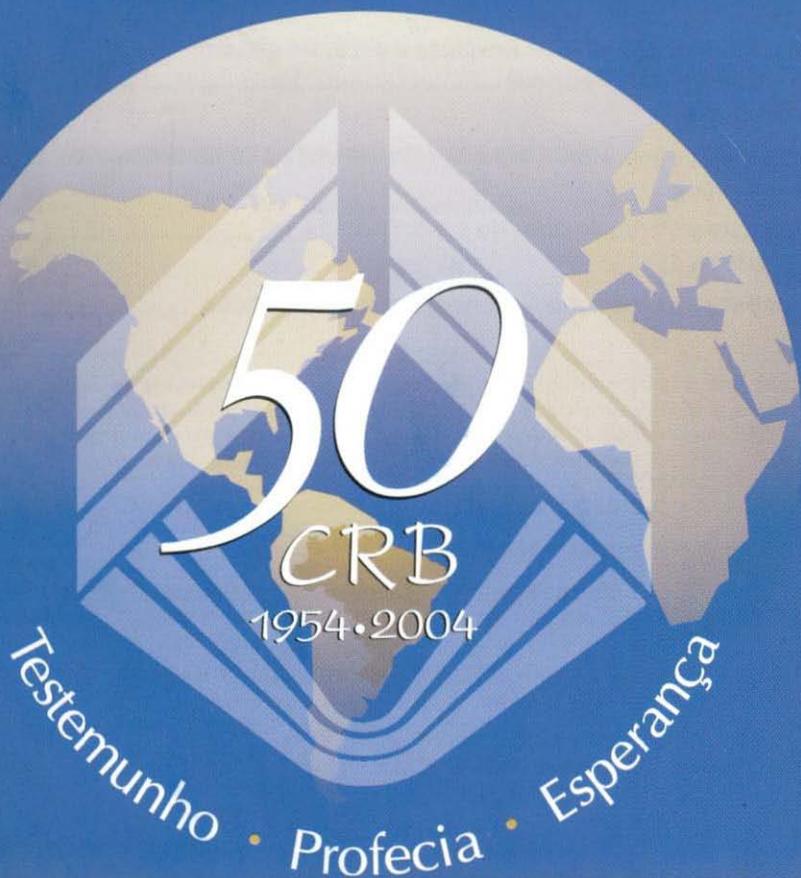


# CONVERGÊNCIA

Dezembro 2004 • Ano XXXIX • Nº 378

ISSN 0010-8162



- O discipulado cristão segundo Mateus  
– A figura de José (Mt 1,18-25) –
- Repensar a teologia da Vida Religiosa a partir do gênero  
Desafios para a Vida Religiosa
- O fascínio do poder.  
Tentações e oportunidades no caminho espiritual
- Hino a Cristo o Verbo de Deus (Jo 1,1-5.10-12.14.16)

# Sumário

EDITORIAL .....	577
PALAVRA DO PAPA .....	581
INFORME CRB .....	583
ARTIGOS .....	589
O discipulado cristão segundo Mateus – A figura de José (Mt 1, 18-25) – .....	589
PE. JALDEMIR VITÓRIO, SJ	
Repensar a teologia da Vida Religiosa a partir do gênero	
Desafios para a Vida Religiosa .....	608
CAMILO MACCISE, OCD	
O fascínio do poder. Tentações e oportunidades no caminho espiritual .....	615
IR. AFONSO MURAD	
Hino a Cristo o Verbo de Deus (Jo 1, 1-5.10-12.14.16) .....	629
LUÍS STADELMANN, SJ	
Índice alfabético por autor – Convergência, Ano de 2004 .....	635

*A ilustração da capa da Convergência 2004 apresenta a logomarca do Jubileu da CRB. É um projeto gráfico da artista gráfica Patrícia Oliveira da Rocha (Belo Horizonte - MG) e Luiz Henrique Sales (Rio de Janeiro - RJ). A capa evoca a presença e missão da Vida Religiosa do Brasil no mundo atual, como Testemunho, Profecia, Esperança.*



## CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

### DIRETORA RESPONSÁVEL:

Ir. Maris Bolzan, SDS

### REDATOR RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB  
(Reg. 12679/78)

### EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

### Conselho Editorial:

Ir. Romi Anth, FSP  
Pe. Francisco Taborda, SJ  
Pe. Jaldemir Vitório, SJ  
Pe. Cleto Caliman, SDB

### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar  
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: [crb@crbnacional.org.br](mailto:crb@crbnacional.org.br)

### PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:

LetraCapital Editora

Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402  
CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2215-3781

Fax (21) 2224-7071

E-mail: [letracapital@letracapital.com.br](mailto:letracapital@letracapital.com.br)

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

*Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*

Assinatura  
Anual  
para 2004

Brasil: R\$ 85,00

Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)

Números avulsos: R\$ 8,50 ou US\$ 8,00



# Editorial

## Vida Religiosa Samaritana

IR. MARIA CARMELITA DE FREITAS, FI

O Congresso Internacional de Vida Religiosa, acontecido recentemente em Roma, refletiu sobre a realidade do mundo atual e a presença da Vida Religiosa nessa realidade, à luz dos ícones evangélicos do Bom Samaritano e da Mulher Samaritana. Mais de oitocentos religiosos e religiosas, procedentes dos vários Continentes e de muitos Países; de diferentes etnias, raças e culturas transformaram-se em porta-vozes autorizados de seus irmãos e irmãs dos mais diversos contextos sócio-culturais, político-econômicos e eclesiais que anseiam ver nascer um mundo novo, uma nova humanidade solidamente construídos na paz e na justiça, sem qualquer tipo de exclusão ou intolerância.

Essa realidade e esses *sonhos* foram vistos e sentidos no Congresso como desafio e oportunidade histórica, um estímulo para que a Vida Religiosa seja mais dinâmica e mais audaciosa na sua vida e missão. A globalização com a sua ambigüidade, a mobilidade humana com as suas duas faces da imigração e da emigração, o sistema neoliberal estruturalmente injusto e desestabi-

lizante, a crise internacional, a violência e a guerra foram percebidos como *novos sinais dos tempos* que pedem aos religiosos e religiosas nova forma e novo jeito de viver o seguimento de Jesus, na solidariedade com os mais sofridos e empobrecidos, encarnando no mundo de hoje as bem-aventuranças do Evangelho. Os "ícones" evangélicos do Bom Samaritano e da Mulher Samaritana ajudaram a projetar luz na reflexão teológica sobre as várias dimensões constitutivas da Vida Religiosa. Apesar da pluralidade de percepções e enfoques, foi clara a convicção de que a Vida Religiosa só pode se re-criar a partir da suas raízes mais profundas e da sua incondicional entrega à missão de Jesus, na qual os pequenos e os excluídos são os primeiros. De que só uma Vida Religiosa profética e solidária poderá fazer frente aos inéditos desafios do mundo atual.

Na perspectiva do Congresso, é preciso que a VR supere antigos medos e bloqueios, tratando de "encarnar-se e chegar a ser carne real na história real". Que reaprenda a coragem evangélica, de posicionar-se sem

titubeios nem ambigüidades em questões fundamentais como a dignidade da pessoa humana, qualquer que seja sua condição em razão da raça e etnia, da cor da pele, da categoria social, do sexo; o respeito aos direitos humanos básicos; o direito à vida e às condições mínimas de uma existência com dignidade para todos; a parcialidade em favor dos *vencidos* da história; a inserção entre os pobres e os excluídos; a legitimidade do pluralismo cultural e religioso. Numa palavra, que seja portadora da Boa Nova do Reino num mundo escandalosamente dividido e desigual, particularmente em contextos de Terceiro Mundo, com suas aberrações sociais e sua conflitividade desumanizante; em meio às contradições de uma sociedade moderna e pós-moderna que avançou científica e tecnologicamente a velocidades insuspeitáveis, sem contudo gerar simultaneamente justiça, paz, fraternidade, respeito mútuo e solidariedade.

A encarnação do Filho de Deus na história humana, que celebramos no Natal, é a expressão mais cabal da solidariedade do Deus da Aliança com a humanidade pecadora (Cf. Jo 1, 14). O apóstolo Paulo entendeu a encarnação/missão de Jesus como solidariedade com os homens para que, mediante a pobreza do Filho de Deus os pobres fossem enriquecidos (Cf. 2 Cor 8,9; Fl 2, 5-11). Portanto, se o Deus da revelação bíblica que culmina em Jesus de Nazaré, é misericórdia e solidariedade concretizados no estar a favor da vida dos pobres, no amar com ternura os excluídos da história e do banquete da vida, no identificar-se com as vítimas deste mundo, então, que significa para a Vida Religiosa levar a sério seu compromisso com o Evangelho de Jesus numa sociedade que parece igno-

rar ou negar a primazia da pessoa humana sobre todos os outros bens? Como fazer transparente esse compromisso? Como dar-lhe plausibilidade histórica? As celebrações do Natal são momento particularmente propício para que a Vida Religiosa repense a autenticidade do seu compromisso e a verdade do seu testemunho. Só assim poderemos – religiosos e religiosas – augurar-nos mutuamente e a todas as outras pessoas um “*Feliz Natal!*”

Convergência deste mês de dezembro contém um rico material de reflexão, de estudo e de oração. Nela as comunidades encontrarão valiosos subsídios para re-alimentar seu compromisso com o Deus da Vida e da Esperança e reafirmar a própria fidelidade criativa.

Jaldemir Vitório, SJ, no seu texto – “O discipulado cristão segundo Mateus. A figura de José (Mt 1,18-25) – faz uma instigante e autorizada leitura do texto mateano em questão, onde José é figura de destaque. O autor começa alertando para inadequadas percepções da figura de José, não poucas vezes apresentado como um *pobre coitado*, envolvido ingenuamente numa situação constrangedora. Ou como um judeu piedoso, humilde e conformado com fatos que escapam do seu controle. Lembra os requisitos que uma leitura bem fundamentada do texto exige, ou seja: o conhecimento de regras mínimas de interpretação bíblica; clara percepção do objetivo visado pelo autor e, em consonância com esse objetivo, as grandes linhas do discipulado cristão no texto. Esses pressupostos constituem o pano de fundo da leitura de Mt 1,18-25, da qual emergem as dimensões do discipulado de José, inspiradoras de todo discipulado e capazes de nor-

tear o cristão de hoje na sua busca de seguir Jesus. Particularmente interessante no conjunto do artigo é a reflexão sobre os traços característicos do discipulado de José a quem o texto identifica como o discípulo justo, que crê e discerne, dócil e obediente, generoso, fiel e destemido. Segundo o autor, “para uma comunidade perseguida e passando por sérias dificuldades – como era o caso da comunidade mateana e pode ser o de muitas comunidades cristãs atuais -, o testemunho de José norteia a opção pelo Reino anunciado por Jesus. “Só tem condições de perseverar no discipulado cristão quem, como José, for além de suas dúvidas e inquietações interiores e se lançar, impávido, na execução da vontade de Deus”. Às vésperas do Natal, este artigo tem particular oportunidade. Pode ajudar as comunidades religiosas a avaliar a qualidade do seu seguimento, à luz do discipulado de José.

O artigo de Camilo Maccise – “Repensar a teologia da Vida Religiosa a partir do gênero. Desafios para a Vida Religiosa” – trata de uma questão de peculiar relevância hoje. De fato, a temática de gênero é um tema recorrente de estudo e debates nas várias áreas do conhecimento. Nem sempre, porém, existe suficiente clareza sobre o conceito e suas implicações de ordem teórica e prática. Na Vida Religiosa o assunto vem despertando interesse crescente, mas resta ainda um longo caminho a percorrer. O texto de Maccise visa precisamente ajudar a fazer avançar a reflexão. Na primeira parte do artigo, o autor apresenta uma leitura crítica da visão androcêntrica na sociedade, na Igreja e na Vida Religiosa, lembrando que a teologia tem apresentado uma imagem patriarcal de Deus e que isso trouxe consigo uma estrutura-

ção da sociedade centrada nessa imagem. Na segunda parte, em breves e densas pinceladas históricas, o texto procura mostrar como, ao longo dos anos, especialmente a partir do século XIX, foram questionados os pressupostos sobre os quais a biologia, a filosofia, a sociologia e a teologia consideraram a mulher e seu papel na sociedade e na Igreja, visando chegar a uma igualdade na diferença. Na parte final do artigo, o autor insiste na necessidade de repensar a partir do gênero todas as dimensões essenciais da Vida Consagrada.

“O fascínio do poder. Tentações e oportunidades no caminho espiritual”, de Afonso Murad, é um texto bem trabalhado, que apresenta sugestivas e iluminadoras reflexões sobre as tentações do poder e a forma positiva de lidar com elas. Inicialmente o autor tece considerações sobre o sentido da existência humana como um caminho em direção a Deus, ao longo do qual a pessoa humana é confrontada com tentações múltiplas. Centra depois a reflexão nas tentações que tem sua origem no poder, apresentando também pistas que ajudem a fazer das tentações ocasião de crescimento espiritual. Para isto o autor discorre sobre interessantes tópicos: – da onipotência à gestão cooperativa; – da vaidade ao vigiar e orar; – da idolatria ao ser aprendiz; – do desencanto à perseverança. Para o autor, as tentações que têm origem no poder atingem, embora com diferente intensidade, a todos, mesmo aqueles que não desempenham cargos de poder. Para ele, “onipotência, auto-suficiência, orgulho, vaidade, desânimo e desencantamento não estão longe de qualquer coração humano”. O texto levanta questionamentos sérios para as pessoas e as Instituições. Merece ser lido

e debatido nas comunidades com particular interesse.

Luís Stadelmann, SJ, no seu breve artigo – “Hino a Cristo o Verbo de Deus” faz uma análise criteriosa de Jo 1,1-5.10-12.14.16, tecendo, com seriedade hermenêutica, comentários interessantes a esses versículos do Evangelho de João. O artigo se desenvolve em quatro pontos: notas; estrutura; comentário; contexto. No final, o autor apresenta uma breve bibliografia que poderá levar os leitores que assim o desejarem a um aprofundamento do assunto. Segundo o autor, o hino a Cristo, o

Verbo de Deus, expressa o louvor da comunidade cristã em reconhecimento à forma como Deus se autocomunica através do seu Filho. A encarnação do Verbo de Deus é o começo de uma nova presença de Deus, que nos põe diante da opção pessoal de entrar em diálogo com Ele ou de excluí-lo. O artigo é breve e denso, escrito com unção e competência exegética. É um bonito texto que pode levar as comunidades ao estudo e à oração com muito proveito, particularmente nesta época do ano em que celebramos o Natal de Jesus, o Verbo encarnado.

***“Convergência deste mês de dezembro contém um rico material de reflexão, de estudo e de oração. Nela as comunidades encontrarão valiosos subsídios para re-alimentar seu compromisso com o Deus da Vida e da Esperança e reafirmar a própria fidelidade criativa.”***

# Palavra do Papa

## Abertura do Ano da Eucaristia

### Encerramento do 48º Congresso Eucarístico Internacional de Guadalajara

#### Discurso do Papa João Paulo II

17 De Outubro De 2004

1. *"Sabei que Eu estarei sempre convosco, até ao fim dos tempos" (Mt 28,20).*

Reunidos diante da Eucaristia, neste momento experimentamos com particular intensidade a verdade da promessa de Cristo: Ele está conosco!

Saúdo todos vós que vos encontrais em Guadalajara para participar no encerramento do Congresso Eucarístico Internacional. Em particular, o Cardeal Jozef Tomko, meu Legado; o Cardeal Juan Sandoval Íñiguez, Arcebispo de Guadalajara; os Senhores Cardeais, Arcebispos, Bispos e Sacerdotes do México, assim como de numerosos outros países, que estão ali presentes.

Saúdo também todos os fiéis de Guadalajara, do México e de outras regiões do mundo, que estão unidos a nós na adoração do Mistério eucarístico.

2. A ligação televisiva entre a Basílica de São Pedro, coração da cristandade, e Guadalajara, sede do Congresso, é como que uma ponte lançada entre os continentes e

faz com que o nosso encontro de oração seja uma *"Statio Orbis"* ideal, à qual se unem os fiéis de todo o orbe. O ponto de encontro é o próprio Jesus, realmente presente na Santíssima Trindade com o seu mistério de morte e de ressurreição, em que se unem o céu e a terra, e onde se encontram os diferentes povos e culturas. Cristo é *"a nossa paz, Ele que, dos dois povos fez um só..." (Ef 2,14).*

3. *"A Eucaristia, luz e vida do novo milênio"*. O tema do Congresso convida-nos a considerar o Mistério eucarístico, não somente em si mesmo, mas também em relação aos problemas do nosso tempo.

Mistério de luz! De luz tem necessidade o coração do homem, oprimido pelo pecado, por vezes desorientado e cansado, provado por sofrimentos de todos os tipos. O mundo tem necessidade de luz, na busca difícil de uma paz que parece distante no começo de um milênio perturbado e humilhado pela violência, o terrorismo e a guerra.

A Eucaristia é luz! Na Palavra de Deus, constantemente proclamada, no pão e no vinho transubstanciados no Corpo e Sangue de Cristo, é precisamente Ele, o Senhor ressuscitado, que abre a mente e o coração e que se deixa conhecer, como aconteceu com os dois discípulos de Emaús, "ao partir o pão" (cf. *Lc 24,25*). Neste gesto convival, nós revivemos o sacrifício da Cruz, experimentamos o amor infinito de Deus e sentimo-nos chamados a difundir a luz de Cristo entre os homens e as mulheres do nosso tempo.

4. Mistério de vida! Que aspiração pode ser maior do que a vida? Todavia, sobre este anseio humano universal pairam sombras ameaçadoras: a sombra de uma cultura que nega o respeito pela vida, em cada uma das suas fases; a sombra de uma indiferença, que condena numerosas pessoas a um destino de fome e de subdesenvolvimento; e a sombra de uma investigação científica que, por vezes, se põe ao serviço do egoísmo do mais forte.

Queridos irmãos e irmãs: devemos sentir-nos interpelados pelas necessidades de tantos irmãos. Não podemos fechar o coração aos seus pedidos de socorro. Nem podemos esquecer que "não só de pão vive o homem" (cf. *Mt 4,4*). Temos necessidade do "pão vivo... que desceu do céu" (*Jo 6,51*). Este pão é Jesus. Alimentar-nos dele significa receber a própria vida de Deus (cf. *Jo 10,10*), abrindo-nos à lógica do amor e da partilha.

5. Desejei que este Ano fosse dedicado particularmente à Eucaristia. Na realidade, todos os dias e especialmente no domingo, dia da ressurreição de Cristo, a Igreja vive deste mistério. Porém, neste Ano da Eucaris-

taria convidada-se a comunidade cristã a adquirir uma consciência mais viva do mesmo, com uma celebração mais sentida, com uma adoração prolongada e fervorosa, com um maior compromisso de fraternidade e de serviço aos mais necessitados. A Eucaristia é fonte e epifania de comunhão. É princípio e projeto de missão (cf. *Mane nobiscum Domine*, caps. III-IV).

Seguindo o exemplo de Maria, "mulher eucarística" (*Ecclesia de Eucharistia*, cap. VI), a comunidade cristã deve viver deste mistério. Consolidada pelo "pão de vida eterna", ela há-de ser presença de luz e de vida, fermento de evangelização e de solidariedade.

6. Mane nobiscum Domine! Como os dois discípulos do Evangelho, também nós te imploramos, Senhor Jesus: permanece conosco!

Tu, divino Peregrino, perito nos nossos caminhos e conhecedor do nosso coração, não nos deixes prisioneiros das sombras da noite.

Ampara-nos no cansaço, perdoa os nossos pecados e orienta os nossos passos pelo caminho do bem.

Abençoa as crianças, os jovens, os idosos, as famílias e particularmente os enfermos. Abençoa os sacerdotes e as pessoas consagradas. Abençoa toda a humanidade.

Na Eucaristia, Tu fizeste-te "remédio de imortalidade": dá-nos o gosto de uma vida plena, que nos ajude a caminhar sobre a terra como peregrinos seguros e alegres, olhando sempre para a meta da vida eterna.

Permanece conosco, Senhor! Permanece conosco! Amém!

*Joannes Paulus n. II*

# Informe CRB

## 1. Encontro da Diretoria Ampliada da CRB Nacional

De 31 de outubro (noite) a 5 de novembro, estiveram reunidos na Casa de Retiro São José de Belo Horizonte, os membros da Diretoria Nacional, do Conselho Superior e do Conselho Fiscal, da CEN e da ERT, assessores/as leigos/as e os/as Presidentes e Assessoras das Regionais da CRB de todo o Brasil, num total de 75 pessoas.

O **objetivo geral** do encontro foi "aprofundar a temática do quadro programático 2004-2007 a partir da mística da tenda, a fim de que, em atitude itinerante, juntas/os, possamos fincar as estacas dos horizontes e implementar as prioridades e os realces para o novo triênio".

Como objetivos específicos buscamos:

- Acolher e ampliar as relações entre os/as Animadores/as da VR no Brasil.
- Partilhar os novos compromissos assumidos nas Assembléias Regionais.
- Fazer a leitura teológica dos horizontes, prioridades e realces assumidos na XX AGO.
- Viabilizar, de forma participativa, a construção do PGA para o triênio 2004-2007.
- Assumir em conjunto a identidade da

CRB como Sociedade Civil frente aos desafios e exigências atuais.

Na **avaliação diária** pudemos perceber como esses objetivos foram sendo paulatinamente atingidos. Na celebração final, membros de todos os grupos, junto com Ir. Maris Bolzan, sds, nossa presidente, apresentamos ao Senhor as linhas gerais do Plano Geral de Ação para o triênio (PGA)

Ao longo do dia 31 de outubro deu-se a chegada do pessoal convocado, vindo de todas as regiões do Brasil. O encontro das pessoas constituiu já uma celebração inicial que se prolongou ao longo dos cinco dias do encontro.

Na manhã do dia 1 de novembro a Ir. Maris abriu o encontro dando as boas-vindas a todos/as e apresentando os objetivos a serem perseguidos corresponsavelmente. A Região Nordeste ajudou-nos a rezar durante todo o dia. Pela manhã, à luz de Is 49,1-7, reacendemos as velas da Profecia, do Testemunho, do Amor e da Esperança com uma grande paixão pela VR como sinal do Reino. Seguiu-se uma simpática e profunda dinâmica de entrosamento no

jardim, recordando o jardim do Éden, orientados por Terezinha Sotopietra, CF e Ir. João Gutemberg Sampaio, FMS, membros da Diretoria Nacional.

Depois do cafezinho retomamos os trabalhos. Ir. Maris justificou a ausência – por motivos diversos – de algumas das pessoas convocadas e colocou em votação a Pauta da reunião que foi unanimemente aprovada. Deu-nos a boa notícia de que vários membros da ERT estariam presentes nos dois primeiros dias, como “sentinelas que ajudam a refletir e a tematizar os horizontes e a fazer a leitura subjacente de nosso quadro programático”.

Seguiu-se a organização do encontro: Coordenação geral para os trabalhos de cada dia, captadores/as, secretaria, animação e confraternização, cronometrista, etc. Todo o encontro estaria dirigido à concretização do PGA 2004-2007. Para isto pedimos juntos/as ao Senhor as atitudes adequadas para escutar e acolher a realidade com uma postura reflexiva, analítica e crítica. A partir daí poderíamos criar as condições necessárias para que a vida aconteça, através de um VER, JULGAR e AGIR iluminados pelas conclusões da XX AGO. Assim motivados/as, partilhamos, ainda na primeira manhã, as ressonâncias das Assembléias Regionais de que tínhamos participado no segundo semestre.

À tarde, dois membros da ERT: Márcio Fabri, CSSR e Maria Helena Morra, rscm, nos ajudaram a fazer uma leitura global do Quadro Programático da XX AGO, a partir de uma leitura teológica dos **quatro Horizontes**. O ponto de partida foi o **contexto histórico atual** e, nele, a caminhada da CRB. Isto nos levou a perceber as **tendências gerais no quadro programático da**

**CRB**. Na visão de conjunto ficaram bem claros os **5 Eixos** que nos ajudam a entendê-lo: a Espiritualidade, as Pessoas, a Instituição, a Missão, o Modo de Fazer e, no centro de tudo, a **Encarnação**. Desde aí aprofundamos os **Horizontes**. Como dizia Paul Ricoeur, “o horizonte é a metáfora daquilo que se aproxima sem jamais se tornar o objeto possuído”. A iluminação de Márcio nos animou a entrar mais e mais na Utopia e a partilhar, em clima celebrativo, as Prioridades assumidas pelas Regionais em suas assembléias. A maior convergência se deu na **Prioridade 1**, assumida por 19 das 20 Regionais. Do salão nos dirigimos às tendas das regiões, montadas na entrada da capela, para ali colocar nossa caminhada e nos dirigimos ao lugar da celebração eucarística. Ali se deu a convergência de tudo o que tinha sido vivido ao longo do dia. À noite, comunicações dos membros da CEN: Ir. Zenilda Petry, IFSJ, vice-presidente da CLAR, sobre o terceiro volume do Projeto “Caminho de Emaús” e de Ir. Neiva Furlin, CF, sobre o Projeto “Novas Gerações”, da CRB Nacional.

No dia 2 de novembro a Região Norte nos ajudou a rezar ao longo de todo o dia, fazendo memória dos que nos precederam e recordando-nos o “cuidado” pela vida. Barbara Bucker, mc e Alexandre Oten, svd, da ERT nos ajudaram a continuar a reflexão sobre o Quadro Programático, iluminando as **seis Prioridades**. O que ficou mais forte foi a relativa à Formação, à Inserção em meios populares e à Mística. No trabalho de grupo – por Regiões – orientado por Delir Brunelli, CF, recordamos o processo de acolhida das Prioridades nas Regionais e tentamos perceber os desafios e interpelações comuns de cada Região, que foram colocados para todo o grupo no ple-

nário da tarde. Delir e Vera Bombonato, FSP nos ajudaram – em dois tempos – a fazer uma **leitura operacional das seis Prioridades e dos seis Realces**, à luz dos diferentes contextos, com seus problemas e desafios e as propostas/aspirações para o futuro próximo. Na Eucaristia celebramos o vivido e recordamos os nossos seres queridos. À noite as Comunicações da CEN giraram ao redor do PROFOCO, Vida Religiosa afro e indígena e do Plano de Evangelização solidária na Amazônia.

Começamos o dia 3 com a Celebração eucarística, dinamizada pela Região Sul bem como o momento mariano do fim da tarde, na Serra da Piedade. O dia foi todo dedicado a **Questões administrativas**: organização e métodos administrativos, gestão administrativa contábil e elaboração de programas de Assistência Social, sob a orientação de Maria Cecília Ziliotto e Washington Pinheiro, assessores leigos da CRB Nacional. Pela manhã a Ir. Maris nos apresentou o **Manual organizacional**, pedido na reunião de Presidentes e Assessores/as de 2002, no qual ficam bem definidos os valores, proposta de missão, a visão e estratégias da CRB Nacional num mundo em mudança. Seguiram-se as colocações de Maria Cecília Ziliotto sobre toda a questão das **Entidades beneficentes de assistência social** bem como as pistas para o **Relatório de Atividades de cada Regional**. Na primeira parte da tarde, Maria Cecília continuou a orientar-nos sobre a **Elaboração dos Programas de Assistência Social**, orientando também um trabalho por Regiões sobre o tema. O dia teve um fecho magnífico com a visita à Serra da Piedade. Lá, na contemplação da belíssima natureza e junto a Nossa Senho-

ra da Piedade, pudemos descansar e gozar da acolhida da Regional de Belo Horizonte e das Irmãs Auxiliares da Piedade que nos receberam em sua casa. Prometemos voltar para ficar mais tempo...

No dia 4, coube à Região Sudeste ajudar-nos a rezar, através da Eucaristia celebrada ao longo de todo o dia. Pela manhã foram feitas várias comunicações por técnicos da CRB e de uma empresa assessora, a Nasajon. Washington Pinheiro nos ajudou a rever a Programação Social de 2004 e a fazer a Previsão Orçamentária para 2005.

Depois de toda essa tomada de consciência e iluminação, à tarde nos debruçamos sobre o PGA – **Plano Geral de Ação**: Marco Referencial, Diagnóstico, Missão, Estratégias e Programação. O trabalho foi realizado por Regiões a partir das Prioridades. Sintetizando a caminhada poderíamos dizer que ficou muito claro o apoio ao Projeto Novas Gerações, ao aprofundamento no Estudo Bíblico, à Vida Religiosa inserida em meios populares e à Formação em sua globalidade. A parte da Liturgia eucarística coroou os trabalhos do dia. Depois do jantar tivemos uma animada **Confraternização** na qual pudemos desfrutar dos sabores e das lembranças de cada Regional, guardadas para essa ocasião, no meio de muita animação.

Começamos a manhã do dia 5 com a celebração da Eucaristia, dinamizada pela Região Centro-Oeste, na qual apresentamos ao Senhor o esboço do **PGA** e recebemos o **Envio**. A manhã foi dedicada a questões práticas, orientadas pela Ir. Maris: Regimento interno, articulação das atividades da CRB no FSM5 de Porto Alegre e participação de membros da CRB Nacional em algumas atividades: Congresso internacional de V.R. (Roma, 22-27/11/2004); Reunião In-

teramericana de Religiosos/as (Itaici, 04-007/5/05); Acompanhamento das Regionais por setores; Parcerias no Timor Leste, Haiti e preparação da próxima reunião da Diretoria ampliada, marcada para 24-28/10/05 provavelmente em Brasília, curso e encontro de assessoras e redimensionamento das férias na Nacional e Regionais.. Seguiu-se a **Avaliação geral do encontro** que recolheu a realizada cada noite. Retomamos os pontos fortes de uma vivência tão densa, sororal e fraterna e terminamos agradecendo profundamente ao Senhor, à Regional de Belo Horizonte que nos aco-

lheu e à Coordenação Executiva Nacional que o preparou e dinamizou com competência, carinho e dedicação, tanto bem recebido. Por tudo damos graças; Ao desmontar nossas tendas para voltar às nossas Regionais, cantamos, mais uma vez o mantra que nos ajudou muitas vezes a entrar num clima mais contemplativo e orante: **"Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz"**.

Belo Horizonte, 7 de novembro de 2004

*Vilma Moreira, FI*

***“  
Sintetizando a caminhada poderíamos  
dizer que ficou muito claro o apoio  
ao Projeto Novas Gerações,  
ao aprofundamento no Estudo Bíblico,  
à Vida Religiosa inserida em meios populares  
e à Formação em sua globalidade.”***

## 2. Carta da VR à VR

Caríssimas, caríssimos, não estamos aqui para comunicar-lhes um mandamento novo, mas o mandamento antigo, o mesmo que receberam desde o princípio: vivamos apaixonadamente em resposta ao amor apaixonado que nos escolheu.

Nossa presença profética, testemunhal, esperançosa em todos os lugares deste nosso Brasil e, em particular, entre os mais pobres e excluídos de todos os sistemas, devolve ao Evangelho o seu ser boa notícia, palavra viva, luz que clareia e norteia os caminhos; o estamos encarnando nas diferentes culturas, o anunciamos em nossos trabalhos intercongregacionais e em nossos mutirões, o proclamamos no ministério da promoção da saúde, da educação, da mulher, dos direitos humanos. O valorizamos em nossa formação humanizante.

Pelas planícies, campinas, cerrados, rios, florestas, centros urbanos, favelas, periferias, assentamentos... e muito mais, anunciamos a paz, denunciemos as injustiças, proclamamos a força invencível da comunhão, da misericórdia, da acolhida incondicional.

Caríssimas, caríssimos, o Reino de Deus é uma tremenda ousadia. Precisamos de toda a força do sal e do fermento para sermos sinais deste Reino, na opção audacio-

sa pelos pobres, no compromisso de trazer a Esperança de Deus ao mundo, na acolhida agradecida de novas formas de relações. Não temamos as crises de sentido e de fazer que estão aparecendo. Continuemos formando lideranças desviantes, que nos ajudem a enxergar caminhos alternativos, com fidelidade criativa, para que as sementes do reino possam continuar brotando.

Sejamos sempre mais mulheres e homens evangelicamente engajados, evangelicamente empolgados, evangelicamente humanizados. Cultivemos em nós a convicção que a utopia partilhada é a mola da história e que o horizonte se completa quando há olhos fascinados por seu atrativo e quando os pés se movimentam em sua direção. Superando o isolamento, o individualismo, o medo, esta nossa VR está contando com "muitas pessoas pequenas, em muitos lugares pequenos, que dando passos pequenos, renovam a face da terra".

E tudo isso em nome do amor inteligente, da esperança inquieta e da fé corajosa.

*Ir. Patrizia Licandro*  
Presidente Regional de Goiânia

### 3. Ecos do Congresso Internacional de Vida Religiosa

Roma 22-27 Novembro 2004

Entre as palavras-chave do Congresso estão: transição e purificação

*Transição e purificação* são duas das palavras-chave da realidade da Vida Consagrada hoje. Isto fica evidente no "Fio Condutor" do Congresso, texto de trabalho enviado previamente a todos os participantes. O Congresso parte de um olhar atento à realidade da Vida Consagrada. Constata que ela vive um período de transformação profunda e de transição na busca de outro modo de ser e de agir. Essa transformação se apresenta como uma grande purificação. Essa fase começou com o Concílio Vaticano II, e prolongou-se pelo espaço de várias décadas. Em todos esses anos, vivemos dias de graça e de provação. Não é fácil responder de forma adequada aos desafios que nos chegam. Não é fácil a fecundidade e o tornar significativa a forma de vida cristã que chamamos de Vida Consagrada. Mas é preciso oferecer uma alternativa de que convença.

Para isso é indispensável um discernimento lúcido. Do lúcido discernimento

forma parte também dos erros cometidos e também de outros que continuam sendo cometidos. O "Fio Condutor" também coloca em evidência que é urgente, de acordo com a inspiração que vem dos ícones do Congresso, que alimentemos a sede de relaciones autênticas e de misericórdia.

A Vida Consagrada hoje necessita mística, paixão e profecia para chegar a ser mais coerente. Devemos semear e crescer em terra nova e começar uma nova primavera. Isso pede que tenhamos a coragem de verter o vinho novo da Vida Consagrada em odres novos, em estruturas mentais, espirituais, afetivas e organizativas mais simples, acolhedoras, ágeis e abertas. Não se trata de permanecer fixados no presente nem no passado. Trata-se de servir ao pobre e ao necessitado que é a única maneira de abrir-se ao futuro.

(Extraído do boletim *Vidimus Dominum*: [www.vidimusdominum.org](http://www.vidimusdominum.org))

## O discipulado cristão segundo Mateus – A figura de José (Mt 1,18-25) –

PE. JALDEMIR VITÓRIO, SJ

A figura de José é pouco aludida nos evangelhos canônicos. Só Mateus e Lucas inserem-no em suas narrativas<sup>1</sup>. A literatura apócrifa contém alusões a José, em geral, com preocupação apologética centrada na concepção virginal<sup>2</sup>.

Na interpretação bíblica popular, José é muitas vezes reduzido a um pobre coitado. Vê-se metido num *imbroglio*, do qual não chega a se dar conta. Com muita frequência, também se ouvem considerações piedosíssimas em torno da figura de José, como desdobramento do relato evangélico. Nesta vertente, ele é pintado carregando-se as tintas na sua humildade e conformidade. Surge daí uma devoção muito superficial a São José. Muito raramente sua figura faz jus à consistência teológica recebida nos relatos evangélicos da origem e da infância de Jesus, de modo especial em

Mateus. Com sua reconhecida capacidade teológico-literária, pouco provavelmente, o evangelista haveria de referir-se a José em tom menor. De fato, o pai de Jesus desempenha no projeto teológico-catequético mateano um papel relevante.

Este artigo propõe-se a explicitar a função narrativa de José no evangelho de Mateus, tomando como referência Mt 1,18-25. O primeiro passo consistirá em relembrar algumas regras mínimas de interpretação bíblica (1º item). Como estas são, com muita frequência, ignoradas ou desconhecidas, é comum deparar-se com interpretações do texto bíblico feitas à revelia da dinâmica interna do evangelho. Por isso, será preciso também explicitar o objetivo visado por Mateus ao escrever o evangelho (2º item). Sem ter em mente esse objetivo, torna-se impossível captar a mensagem

<sup>1</sup> Nos evangelhos, José aparece exclusivamente no contexto da genealogia, da origem e da infância de Jesus, em Mateus e Lucas (Mt 1,18-25; 2,13-23; Lc 1,27; 2,4.16; 3,23). Marcos não se refere a ele. João faz-lhe duas alusões na expressão "filho de José" (Jo 1,45; 6,42).

<sup>2</sup> Cf.: "Evangelho do Pseudo-Mateus", "Protoevangelho de São Tiago", "Livro sobre a Natividade de Maria", "História de José, o carpinteiro", "Evangelho árabe da infância".

veiculada nas várias cenas do escrito mateano, consideradas individualmente e em conjunto. Estando Mateus interessado em oferecer a sua comunidade pistas para a vivência do seguimento de Jesus, trata-se, então, de esboçar as grandes linhas do discipulado cristão presentes no evangelho (3º item). Estes pressupostos constituem o pano de fundo sobre o qual se situará uma leitura preliminar de Mt 1,18-25, buscando-se evidenciar o sentido de seus vários componentes, tendo como foco a figura de José (4º item)<sup>3</sup>. Numa tentativa de síntese e de sistematização, serão elencadas as várias dimensões do discipulado de José, decorrentes da interpretação do texto evangélico (5º item). Por fim, visando os cristãos atuais, serão explicitadas as grandes linhas inspiradoras do discipulado, sem olvidar os desafios enfrentados por quem se esforça para, no dia-a-dia, deixar-se norteado pelo exemplo do discípulo José (6º item).

## 1. A interpretação bíblica e suas regras

Muita gente arvora-se em intérprete do texto bíblico, sem levar em conta a existência de regras precisas de interpretação. Tal ousadia hermenêutica tem sido causa de freqüentes desvirtuações do texto sagrado, bem como de mal-entendidos e conflitos desnecessários. Só se pode dialogar a

respeito do texto bíblico, quando as partes se atêm às normas específicas de interpretação. Elencaremos, de forma breve, algumas regras relativas à interpretação dos textos evangélicos, válidas para o texto em questão.

*Os evangelhos foram elaborados a partir de um projeto teológico-literário preciso, cujo conhecimento constitui o primeiro passo da interpretação.* Nenhum autor bíblico trabalhou de maneira desordenada e aleatória, pondo suas idéias por escrito sem ter um rumo pré-determinado. Pelo contrário, toda a literatura bíblica, em suas partes e no conjunto, foi elaborada a partir de projetos literário-teológicos inteligentemente pensados. Em função destes, os teólogos-catequistas<sup>4</sup> selecionaram o material disponível, escolheram as formas mais adequadas de transmitir a mensagem (gênero literário), retrabalharam suas fontes, insistiram em certos temas, deram maior ou menor importância aos personagens etc.

*O sentido de cada perícopé<sup>5</sup> depende de sua função narrativa, decorrente do projeto literário-teológico do autor.* Em textos narrativos, como é o caso dos evangelhos, as perícopes devem ser relacionadas tanto com o contexto imediato quanto com o conjunto do texto. É como se fossem parte de um quebra-cabeça. Sua correta intelecção depende de como foi correlacionada com as

<sup>3</sup> É possível descobrir outras finalidades do texto em questão, além daquela aqui sublinhada, em torno do tema do discipulado: confirmar a filiação divina de Jesus; precisar sua geração do Espírito Santo; mostrar como a descendência davídica de Jesus foi salvaguardada por meio de José.

<sup>4</sup> A expressão "teólogos-catequistas" sublinha o fato de os autores bíblicos serem movidos por preocupações teológicas e pastorais. Interessa-lhes, sobretudo, a fé vivida por suas comunidades e seus desafios.

<sup>5</sup> Chama-se *perícopé* a um pequeno texto com princípio, meio e fim. Apesar de ser parte de um conjunto maior, é possível captar-lhe um sentido completo. Mt 1,18-25 é uma perícopé, seja de Mt 1-2 (o evangelho da infância), seja de Mt 1-28 (o evangelho completo).

demais perícopes, ou seja, do seu lugar na narrativa. Ler um texto desconectado do contexto é sempre aniscado. O leitor acaba por projetar-lhe idéias pré-concebidas, sem escutá-lo. O texto submetido aos caprichos do leitor, nem sempre interessado em assumir a postura de ouvinte, também se recusará a falar. Resultam daí falsas mensagens, tidas na conta de verdadeiras!

*Para compreender o sentido dado pelo autor e não forçar o texto a dizer o que não diz, é necessário estar atento às palavras, frases e expressões, com as quais um texto é tecido.* Ele consiste num complexo de palavras (lexemas), de frases e expressões (sintagmas) organizadas de forma coerente (sintaxe). Para depreender o sentido nele entranhado, urge mergulhar neste emaranhado em vista de captar-lhe a lógica interna. Esta será o resultado do sentido de cada palavra, de cada expressão, de cada frase que, no caso dos textos bíblicos, escritos há tantos séculos, pode nos escapar. A escolha dos verbos e dos tempos verbais, das preposições e conjunções, da forma de organizar o pensamento é determinante para a produção de sentido.

Em geral, temos à nossa disposição traduções nem sempre confiáveis. A imensa maioria das pessoas não tem acesso aos originais, escritos em hebraico e grego. E mesmo tendo acesso aos textos antigos, muitas vezes, é impossível recuperar o sentido exato (semântica) de determinada palavra ou expressão, pretendido pelo autor<sup>6</sup>. Em todo caso, é prudente evitar interpretações ingênuas a partir de nossas traduções. Entre a tradução disponível (o senti-

do dado pelo tradutor) e o sentido cogitado pelo autor bíblico pode haver um abismo. Em tom de brincadeira, diz-se: "Tradutor é traidor!"

Vale a pena recordar a observação encontrada no Prólogo do livro do Eclesiástico (Sirácida). O texto original foi escrito em hebraico por Jesus ben Sirac e traduzido para o grego por um de seus netos. Este se apressou em esclarecer seus leitores: "Vocês estão convidados a ler com atenção e benevolência, perdoadando se, apesar do esforço, não consegui traduzir bem algumas expressões. De fato, as coisas expressas originalmente em hebraico não têm a mesma força quando traduzidas para outra língua. Isso acontece também com a Lei, os Profetas e os outros Livros: são muito diferentes na língua original".

*Importa também observar que a correta compreensão de um texto depende de sua correlação com outros textos.* Por conseguinte, para interpretar um texto é insuficiente resgatar sua trama interna. O passo seguinte consiste em projetá-lo para além de si mesmo e estabelecer correlações com outras perícopes, no âmbito da obra onde está inserido (intratextualidade), e também com textos de outros livros bíblicos e extrabíblicos (extratextualidade ou intertextualidade). Estas inter-relações oferecem ao leitor-intérprete pistas valiosas, tanto exegéticas quanto hermenêuticas.

*Por fim, leve-se em consideração que, ao escrever, o autor bíblico tem em mente um determinado público (leitor pressuposto e subentendido), cuja conduta pretende influenciar (pragmática). Quan-*

<sup>6</sup> Na ciência da interpretação bíblica, existem textos classificados como *crux interpretum* (cruz dos intérpretes), cujos sentidos são objeto de disputa entre os especialistas.

do um teólogo-catequista bíblico dispõe-se a escrever, é movido por preocupações pastorais bem demarcadas. Nenhum livro bíblico foi escrito de forma despreocupada e desengajada, para deleite do autor. Na sua quase totalidade, os livros bíblicos foram escritos em momentos de crise da comunidade de fé, em distintas circunstâncias de sua história, com o fito de ajudá-la a superar as tribulações, mantendo viva a fé em Deus.

Em outras palavras, os textos bíblicos têm propósitos práticos, ligados à vida de seus leitores originais e primeiros destinatários. Estes buscavam no texto uma luz para a sua caminhada. Era quando se transformava, deveras, em Palavra de Deus e passava a ser reconhecida como tal.

A mensagem do texto bíblico, extraída hoje, deve de alguma forma estar relacionada com a mensagem transmitida nas origens. Só assim é possível fazer uma espécie de "fusão de horizontes" entre os leitores-intérpretes atuais e os primitivos. Quando isto acontece, a leitura do texto bíblico torna-se mais rica e estimulante. No âmbito da fé, entendemos que Deus fala e nos aponta as veredas por onde somos chamados a caminhar.

Estas são regras elementares para a leitura do texto bíblico. Em certos casos, quizá sejam necessárias outras específicas e particulares. É importante não se arvorar em intérprete do texto bíblico apropriando-se dele de maneira abusiva e irresponsável. A objetividade do texto exige ser respeitada.

Considerando essas regras de interpretação do texto bíblico, faz-se necessário explicitar os objetivos visados pelo evangelho de Mateus.

## 2. Mateus: uma catequese do discipulado

Qual foi a intenção de Mateus ao escrever o evangelho? Que pontos na vida da comunidade mais o preocupavam? Em função disto, que idéias transmitiu no seu escrito e procurou inculcar nos seus leitores?

O evangelho de Mateus foi escrito por volta do ano 85, partindo de certas inquietações e, por conseqüência, tendo em mente influenciar sua comunidade em pontos específicos. Os cristãos da comunidade mateana estavam às voltas com uma preocupante crise de fé.

Em sua maioria, provinham da tradição judaica. A religião judaica, naquele momento, passava por sérios transtornos. De 66 a 70 d.C., um grupo de guerrilheiros – os zelotas – empreendeu uma revolta independentista para se livrar do jugo do Império Romano, conhecida como Guerra Judaica. Os romanos usaram a força militar para subjugar os rebelados, culminando com a destruição do Templo de Jerusalém e a desarticulação da liderança judaica.

Diante desta situação, por volta de 80 d.C., um grupo de rabinos empreendeu um processo de reabilitação do judaísmo, através da unificação dos grupos remanescentes da destruição. O método escolhido foi o da uniformização das práticas religiosas, fazendo todas as correntes seguirem idêntico padrão de vivência da fé. Buscou-se criar um calendário comum das festas, elaborou-se uma lista (cânon) dos livros bíblicos, as liturgias foram padronizadas.

As comunidades cristãs, nos seus albores, entendiam-se como um dos vários movimentos no âmbito do judaísmo. Eram grupos de judeus, inspirados nos ensinamentos e nas práticas do Messias Jesus. Daí

o empenho do movimento restauracionista de fazê-las aderir ao projeto de padronização da prática religiosa judaica.

Entretanto, os cristãos recusaram-se a abrir mão de suas práticas de fé, não se submetendo aos ditames da liderança judaica. Resultou daí uma onda de intolerância e perseguição. Como os cristãos mantinham-se firmes na sua decisão de não aderir ao movimento de restauração, passaram a sofrer um acelerado processo de marginalização. Mateus refere-se a esta situação quando põe na boca de Jesus a bem-aventurança da perseguição: "Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim" (Mt 5,10-11) <sup>7</sup>.

A expulsão do judaísmo veio sem demora, mergulhando os cristãos de procedência judaica numa terrível crise<sup>8</sup>. Os membros da comunidade de Mateus, certamente, se perguntavam: Vale a pena abandonar nossa fé tradicional, baseada na Lei de Moisés, para nos tornar discípulos de Jesus? De fato, somos apóstatas e hereges, renegadores da fé de nossos pais, centrada na figura do Deus libertador? A opção por Jesus possibilita-nos algo de novo e melhor? Quais são as reais exigências da fé em Jesus? O seguimento de Jesus oferece-nos uma identidade consistente, merecedora de crédito?

Mateus tem em mira oferecer à sua comunidade, e àquelas em idêntica situação,

uma resposta convincente a suas interrogações. E o faz escrevendo o evangelho como uma espécie de resumo da proposta cristã para quem deseja tornar-se discípulo de Jesus. Por isso, produziu um texto didático, esquemático, conciso, por concebê-lo como uma espécie de catecismo do discipulado.

Mateus descreve Jesus como o Mestre da comunidade, em processo de esclarecer os discípulos, responder-lhes as questões, abrir-lhes as mentes, de forma a reforçar-lhes a fé e prepará-los para o embate gerado pelo contexto de intolerância quase fanática da liderança judaica.

Repassando o texto evangélico, é possível delinear o retrato do discípulo do Reino esboçado por Mateus.

### 3. Quem é discípulo do Reino?

O discipulado cristão, para Mateus, resume-se em ouvir a Palavra de Deus e colocá-la em prática. Não mais a Palavra mediada pela interpretação dos rabinos, preocupados com as minúcias da Lei Mosaica, e, sim, a Palavra revelada pelo Filho Jesus. Esta revelação atinge o cerne da vontade do Pai – o espírito da Lei – e toca o íntimo do ser humano, a ponto de conformá-lo todo com o querer do Pai, transformando-o em discípulo do Reino. Este se caracteriza por viver sob o senhorio de Deus, buscando sempre e em tudo a sua vontade, pela superação da tentação de idolatria expressa na supervalorização das criaturas. O Reino de Deus concentra-lhe todo o ser e o agir.

O discípulo é confrontado com uma pro-

<sup>7</sup> O evangelho de Mateus contém outras alusões a esta situação (Mt 5,44; 10,23; 13,21; 23,34).

<sup>8</sup> Jo 9, o episódio do cego de nascença, escrito num período um pouco posterior ao evangelho de Mateus, expressa essa realidade.

posta concreta, sintetizada em Mt 5-7 – o Sermão da Montanha. Aí estão formuladas as linhas mestras da conduta cristã. Nada de teorias, nem de abstrações! A proposta mateana consiste num modo de proceder superior ao dos escribas e fariseus (Mt 5,20), contentes com uma religião de aparências (Mt 15,1-9). Esta pauta de ação não supõe a revogação da Lei e dos Profetas (Mt 5,17), os ensinamentos da religião judaica. Pelo contrário, consiste numa forma de radicalização da Lei Mosaica, no sentido de superação da centralidade da letra – o texto escrito da Lei –, como acontecia na prática dos escribas, ou na sua vivência exterior e exibicionista, como era o caso de algumas correntes do farisaísmo (Mt 6,1). A “des-absolutização” dos ditames da Lei acontece na busca da vontade divina expressa em cada mandamento, pois “absoluto” é só o projeto amoroso do Pai (Mt 5,43-48). As palavras escondem um querer radical a ser visado pelo discípulo.

Mt 5,21-48 contém uma série de exemplos de como o discípulo do Reino interpreta a Lei, superando-lhe a materialidade das palavras. Eis um pequeno exemplo, tirado de Mt 5,21-26. A Lei ordena “Não matarás!” Numa interpretação apressada, o mandamento é entendido no sentido material: tirar a vida física do próximo. A interpretação de Jesus vai além e descobre outras formas de eliminar o outro, matan-

do-o dentro do coração. E mais, a ruptura com o próximo provoca a ruptura com Deus. Por isso, se alguém está de relações cortadas com o semelhante, só poderá oferecer um culto agradável a Deus após ter se reconciliado. Caso contrário, o gesto litúrgico-cultural será desprovido de sentido.

Para o discípulo do Reino, a Lei funciona como uma espécie de baliza para a sua conduta. Criatividade e generosidade serão a marca de seu agir. Ele vai muito além do previsto, do estabelecido e do legalizado. E se entrega sem limites à prática do bem em favor do semelhante.

Mt 6,1-18 descreve a vivência religiosa do discípulo do Reino, nas três práticas características: a esmola, a oração e o jejum. Ao realizá-las, o discípulo é movido pela pureza de coração, por isso não age como os hipócritas e ostentadores, preocupados em serem vistos e aplaudidos pelos demais. Antes, sua religião é vivida no escondimento e na simplicidade. Basta-lhe estar sob o olhar bondoso do Pai, seguro de sua recompensa. O parecer alheio, positivo ou negativo, está longe de influenciá-lo.

A continuação do Sermão da Montanha, Mt 6,19-7,28, contém uma série de orientações a serem vividas no dia-a-dia, visando a manter o coração do discípulo integralmente centrado em Deus. Este modo de proceder faz do discípulo um “bem-aventurado”<sup>9</sup>. Daí a admoestação do Mes-

<sup>9</sup> As bem-aventuranças, inseridas no início do Sermão da Montanha (Mt 5,3-12), apontam para diferentes maneiras de centrar a vida em Deus. Enquanto referência do Reino anunciado por Jesus, Deus é o eixo da vida dos bem-aventurados. O vocábulo grego *makários* tem sido traduzido para o português como bem-aventurados e felizes. Porém, sua compreensão no Novo Testamento deve levar em conta o referencial hebraico. O termo hebraico *'esher* refere-se à situação humana de bem-estar e prosperidade frutos da bênção divina ou da recompensa divina devida à integridade de agir. Portanto, as bem-aventuranças devem ser entendidas na sua conotação teológica. A felicidade provém de Deus e, com ela, a realização plena do ser humano (Dt 33,29; Sl 128).

tre: "Busquem, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça!" (Mt 6,33). O discípulo caracteriza-se por sua disposição e capacidade de viver, sempre e em tudo, sob o senhorio de Deus, jamais permitindo a menor intromissão de outros valores em sua vida. Essa disposição fundamental torna-o livre diante de todas as criaturas, sem se deixar polarizar por elas.

Três pequenos textos ilustram as decisões a serem tomadas por quem está em processo de se tornar discípulo do Reino:

(a) Mt 7,13-14 – confronto com duas portas: a estreita e a larga. A primeira corresponde a abraçar as exigências do Reino assim como se apresentam, embora se deva pagar um alto preço. É a cruz referida em Mt 16,24. A segunda corresponde a um estilo de vida onde as exigências do Reino são adaptadas às conveniências pessoais, excluindo as renúncias e as cruces características do discipulado. Daí a admoestação: "Entrai pela porta estreita!"

(b) Mt 7,13-20 – confronto com dois tipos de profeta: o verdadeiro e o falso. O profeta verdadeiro corresponde ao líder da comunidade preocupado em transmitir a mensagem do Mestre na sua inteireza, embora reconhecendo o desafio de ser-lhe completamente fiel. O profeta falso prega uma religião "ao gosto do freguês". Em geral, expurga-lhe os elementos fundamentais, onde o discípulo é exigido a vencer-se a si mesmo, num processo custoso de vivência radical do amor misericordioso. O Mestre alertou os discípulos: "Guardai-vos dos falsos profetas!" E ofereceu uma pista para discernir entre o verdadeiro e o falso líder da comunidade: "Pelos frutos, reconhecê-los-eis!" Cabe ao discípulo estar atento para não ser enganado, aderindo apenas aos ensinamen-

tos de quem, pelo testemunho de vida, dá mostras de autenticidade e veracidade segundo os critérios evangélicos.

(c) Mt 7,21-23 – confronto com duas atitudes: o fazer e o falar. O verdadeiro discípulo do Reino caracteriza-se por sua obediência à Palavra escutada. Sem vacilar, deixa-se guiar por ela, transformando-a em pauta de ação. O falso, por sua vez, contenta-se com palavreados vazios, a ponto de anular a capacidade de a Palavra transformar-lhe a vida. A exortação do Mestre não dava margem para indecisão: "Nem todo aquele que me diz 'Senhor, Senhor' entrará no Reino dos Céus, mas sim, aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos céus".

O Sermão da Montanha conclui-se com a parábola das duas casas (Mt 7,24-27), ilustração das duas possíveis posturas do discípulo: escutar as orientações do Mestre e deixar-se guiar por elas, ou, pelo contrário, escutá-las, mas não lhes dar ouvido. A sorte de cada um já está embutida na sua opção! No primeiro caso, assemelha-se à casa construída com firmeza sobre a rocha. Mesmo as mais terríveis intempéries jamais a abalarão. Na situação contrária, está a casa construída sobre a areia. Qualquer tempestade será suficiente para arruiná-la.

Mais adiante, a parábola do semeador alude a várias posturas diante da Palavra (Mt 13,4-9.18-23) e passa a impressão de serem poucos os verdadeiros discípulos, dispostos a ouvi-la e a praticá-la. Das quatro possibilidades, só uma corresponde à produção de frutos, mesmo assim em proporções variadas. Trata-se de quem "ouve a Palavra e a entende!" (v. 23). O entendimento, no caso, nada tem a ver com conhecimento racional e abstrato. Trata-se da compreensão prática, feita na vi-

vência cotidiana e fiel da Palavra, com todas as suas exigências. Não é pura contemplação, deleite espiritual e mero saber intelectual.

Embora se tornando discípulos e se dispondo a seguir as orientações do Mestre Jesus, nem todos atingem a excelência no agir. Cem, sessenta e trinta por cento estabelecem a distinção entre os discípulos. Quem é sincero na sua adesão ao Reino, dá o máximo de si e se esforça para produzir sempre mais e melhores frutos de misericórdia e de perdão. Esta é a "justiça superior", referida em Mt 5,20.

Uma descrição resumida da identidade do discípulo do Reino encontra-se em Mt 12,50: "Quem fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe". "Fazer a vontade do Pai" é o resumo da ética do discípulo. Suas aspirações pessoais ficam relativizadas no confronto com o querer divino. Em cada situação, pergunta-se pelo projeto de Deus a ser expresso nas mais pequeninas ações e nos gestos mais simples. Uma vez conhecido este desígnio superior, acolhe-o com a mais total liberdade e disponibilidade e faz dele o próprio projeto de vida.

Esta dinâmica ético-espiritual decorre de uma profunda comunhão com Deus e da capacidade de discernimento da realidade. A união com Deus projeta o discípulo para além de si mesmo, suas aspirações e projetos. Entretanto, o querer divino está longe de ser encontrado com facilidade e de maneira evidente. Daí a urgência do discernimento em vista de reconhecer-lhe, com suficiente certeza, o conteúdo e as exigências. De fato, a vontade do Pai não se apresenta ao ser humano de maneira cristalina e inquestionável. E sim, está ro-

deada de muitíssimas outras propostas, quiçá fruto de paixões desordenadas.

A parábola do joio e do trigo (Mt 13,24-30 + 36-43) ilustra a experiência humana de ambigüidade entre a vontade divina e as muitas solicitações suspeitas. Deus propõe ao ser humano sua vontade. O Maligno age da mesma forma, com o agravante de sugerir algo muito semelhante à proposta divina. O discípulo é desafiado a suportar esta incerteza, ao longo de toda a sua vida. Só escatologicamente o nó será desfeito e a vontade divina despontará no mais total esplendor. Até lá, é preciso caminhar com muita cautela, para não se deixar enganar pelas aparências.

Na mesma linha, pode ser interpretada a parábola da rede (Mt 13,47-50). Enquanto não concluir a sua caminhada terrena, cabe ao discípulo suportar a equivocidade da existência, procurando não se deixar enganar. Só pelo discernimento continuado terá a possibilidade de evitar as ciladas da maldade e do pecado.

Uma vez discernida e encontrada a vontade do Pai, cabe ao discípulo acolhê-la de todo coração e com alegria. Duas parábolas mateanas – do tesouro escondido no campo e do comerciante de pérolas finas – elucidam este comportamento discipular. A primeira (Mt 13,44) tem como referência a situação dos adeptos do Reino sem prévia intenção. Vivendo o dia-a-dia, deparam-se de maneira fortuita com a proposta de Jesus. São muitas as formas como o Reino interpela o ser humano, sempre numa linha de experiência revolucionadora. Então, torna-se um absoluto, a ponto de relativizar tudo mais, pois carece de valor diante da descoberta inesperada. O discípulo, sem titubear, deixa de lado tudo quan-

to considerava importante até então e abraça, cheio de júbilo, o apelo de Deus.

A segunda parábola (Mt 13,45-46) difere um pouquinho da anterior. Refere-se aos empenhados na procura do Reino dispostos a qualquer sacrifício para a realização de seu intento. Sua busca tem em vista algo preciso: encontrar projetos de vida verdadeiras merecedores de serem abraçados. São as “pérolas finas”, raras e valiosíssimas. Nesta busca, a pessoa depara-se com o Reino, como um valor excelente e insuperável, tornando secundários todos os demais bens. É a “pérola de valor inestimável”. Por causa do Reino, o discípulo se desfaz de seus projetos pessoais e se integra, de corpo e alma, na dinâmica de Deus.

Com esses dados preliminares, temos uma chave de interpretação da perícopa mateana referente a José.

#### **4. Uma leitura de Mt 1,18-25, enfocada na figura de José**

A figura de José deve ser considerada, portanto, tendo como horizonte esse esboço de vida discipular. No projeto literário-teológico mateano, José é colocado no frontispício do evangelho como exemplo de discípulo fidedigno, capaz de inspirar os ouvintes-leitores, pois se reveste de todas as virtudes que, na continuação da narrativa, serão atribuídas a um verdadeiro discípulo do Reino. Por conseguinte, tudo quanto se diz no evangelho a respeito de um discípulo é possível exemplificar reportando-se a José. Ele é discípulo do Reino por antecipação!

Um pressuposto importante na leitura de Mt 1,18-25, ao situar José na origem de Jesus, é não tomá-lo como relato biográfico, como se Mateus tivesse a intenção de fazer uma crônica da concepção de Jesus. O texto evangélico consiste, sim, numa catequese narrativa, articulada em forma de drama, com seus impasses e dificuldades<sup>10</sup>. Como pano de fundo está a fé em Jesus Cristo à luz da experiência pascal. Interessa-nos, aqui, verificar por que José foi inserido na narração. A explicação mais simples e conhecida consiste em apresentá-lo no contexto da tradição da concepção virginal, como quem faz o elo entre Jesus e a linhagem davídica e, portanto, messiânica, garantindo-lhe uma identidade social. Sem negar esta finalidade, insistiremos na apresentação de José como modelo de discípulo, em consonância com o objetivo global do evangelho.

A narração leva o leitor a perguntar-se: por que Deus escolheu um caminho tão complicado para realizar seu plano de salvação? Isto dá vivacidade ao texto evangélico e suscita na mente do ouvinte-leitor uma série de interrogações, a serem respondidas no decorrer da narração. (1) José, como bom judeu, submeterá Maria ao apedrejamento, fazendo valer a Lei? (2) José se recusará a assumir a paternidade de Jesus, com o risco de ser rejeitado pela sociedade da época? (3) Maria aceitará uma proposta avessa a seus esquemas? (4) A idéia de concepção sem a participação de um homem era alheia ao horizonte messiânico daquele tempo, embora fosse possí-

<sup>10</sup> Mt 1,18-25 está calcado no gênero literário “anunciação”, conhecido no AT, com seu esquema próprio: aparição (v. 20a) – perturbação (v. 20b) – mensagem (vv. 20-21) – objeção (v. 20) – sinal e nome (v. 21) (cf. Gn 17-18; Ex 3; Jz 16; Lc 1).

vel encontror no Antigo Testamento a idéia de um salvador nascido de uma virgem<sup>11</sup>. Daí poder se perguntar: alguém se deixaria convencer pela história da concepção sem a participação de um homem? Em todo caso, no tempo de Jesus, o povo não esperava em Israel um Messias nascido de uma virgem. Em suma, Deus escolheu um caminho dramático para realizar seu projeto. No auge do impasse, a intervenção do Anjo dirimirá as dúvidas e suspeitas e abrirá o caminho para a realização do projeto de Deus. Porém, sem torná-lo de todo inteligível!

Uma leitura de superfície ajuda-nos a detectar outros elementos importantes do texto mateano, considerado na perspectiva de José.

(a) Mt 1,18-25 corresponde a uma espécie de nota explicativa a Mt 1,16, versículo final da genealogia de Jesus (Mt 1,1-17). As gerações sucediam-se pela vertente masculina. Porém, o v. 16 introduz uma novidade, ao referir-se a Jesus: “Jacó gerou José, o esposo de Maria, *da qual* nasceu Jesus chamado Cristo”. Importava esclarecer esta ruptura feminina, no fluxo genealógico. O propósito do evangelista ao elaborar Mt 1,18-25, portanto, era de cará-

ter clareza didática, perceptível já na introdução: “A origem de Jesus foi assim:...”. Mateus é sucinto e claro na sua explicação. Nada de detalhes, curiosidades e informações desnecessárias!

(b) O texto narra a origem de Jesus, literalmente, “a gênese de Jesus” (v.18a)<sup>12</sup>. É uma forma de indicar a ação de Deus criador, de quem e apenas de quem provém toda “gênese”. Os personagens implicados na ação – o Anjo do Senhor, José e Maria – são todos referidos a este horizonte criacional divino. Portanto, são pensados como servidores de Deus, em função do intento divino de salvar a humanidade. A gênese de Jesus é, por conseguinte, penhor da criação de um ser humano novo, fruto do amor misericordioso de Deus. José será chamado a colaborar nesta obra de criação e salvação.

(c) A gravidez pelo Espírito Santo sem prévia coabitação introduz um elemento enigmático na narração, por não seguir a ordem natural das coisas (v. 18b)<sup>13</sup>. Atribui-se ao Espírito Santo, e não a José, a causa (origem) da concepção de Jesus<sup>14</sup>. Ele provém de uma raiz divina, pneumática, espiritual, e não só humana, terrena, histórica. É uma forma de afirmar, já no iní-

<sup>11</sup> Isto depende da interpretação a ser dada a Is 9,5; 11,1 e Mq 5,2. Quiçá a tradução grega de Is 7,14, usada por Mateus, fosse devedora da idéia de concepção virginal do Messias. No texto hebraico, consta *ha almah* (a jovem), traduzido por *parthenos* (virgem). Em hebraico, virgem é *betulah*; em grego, jovem é *neanis*.

<sup>12</sup> Os chamados “evangelhos apócrifos” encarregaram-se de revestir a história da origem e da infância de Jesus com pormenores irrelevantes, mas suficientes para satisfazer a curiosidade de seus leitores.

<sup>13</sup> As duas referências ao Espírito Santo na concepção de Jesus (vv. 18.20) têm a ver com a idéia de gênese, desenvolvida em Mt 1. Como na criação o Espírito pairava sobre a superfície das águas (Gn 1,1), faz-se também presente na origem de Jesus, para indicar o início do novo e verdadeiro gênese.

<sup>14</sup> A partícula *do*, na expressão *do Espírito Santo* (em grego, *ek*), não tem o sentido causal-instrumental, mas o sentido causal-histórico (= “desde o”). Ou seja, Jesus vem do Espírito Santo; uma força divina está na raiz de sua existência.

cio do evangelho, a transcendência de Jesus, cuja vida, paixão e morte – sua humanidade – eram conhecidas pelos primeiros destinatários do evangelho.

As pessoas implicadas na narração são desafiadas a abrir mão de seus esquemas e acolher algo cujo sentido, à primeira vista, lhes escapa. Esta é uma exigência da colaboração na obra de Deus: abraçar ideias nem sempre evidentes e plenamente compreensíveis. José será instado a discernir a presença divina na gravidez inexplicável de sua mulher<sup>15</sup>.

(d) José é referido como “sendo justo” (v. 19a). Este adjetivo evidencia o tipo de relação estabelecida com o Deus de sua fé e, de certo modo, define sua figura. Por conseguinte, é um termo fundamental em se tratando de discipulado.

O vocábulo “justo”, aplicado a José, não coincide com a concepção judaica de justiça, entendida na sua vertente legal, vinculada ao tribunal. Se agisse segundo tal concepção, José deveria ter aplicado, sem delonga, os ditames da Lei.

Alguns estudiosos interpretam “justo” no sentido de bondoso, misericordioso, pois

aceita carregar, em segredo, a infâmia da esposa. Esta leitura é problemática, por se fundar na ingenuidade de José, incapaz de medir as conseqüências de sua decisão. No caso, teria sido mais misericordioso se resolvesse ficar junto de Maria, calado, para encobrir-lhe o malfeito<sup>16</sup>.

Outros estudiosos atribuem a “justo” um sentido diferente, referindo-o à atitude respeitosa e reverencial de José diante de Maria por reconhecer, nela, a presença do mistério divino. Sua atitude assemelha-se à dos justos do Antigo Testamento, diante da manifestação de Deus. Moisés cobriu o rosto, pois temia olhar para Deus manifestando-se na sarça ardente (Ex 3,6). Isaías sente-se perdido por seus olhos terem visto o Rei, o Deus dos Exércitos (Is 6,5). Algo parecido acontece com Simão Pedro ao reconhecer Jesus: lança-se-lhe aos pés, suplicando-o afastar-se, por se reconhecer pecador (Lc 5,8). Em termos narrativos, esta explicação também não se sustenta, apesar de ser interessante. Vivendo numa sociedade rigidamente estruturada, a família de Maria e as autoridades religiosas de Nazaré jamais a aceitariam<sup>17</sup>.

<sup>15</sup> Mateus parte do pressuposto de ser Jesus uma dádiva divina para a humanidade, em vista da salvação. Em outras palavras, Deus é o verdadeiro pai de Jesus. A mulher, na mentalidade da época, tinha uma participação secundária e meramente passiva na concepção dos filhos. “O mandamento de frutificar e multiplicar pesa sobre o homem, mas não sobre a mulher. Rabi Yohanan ben Beroqa estima que ele pese sobre os dois, porque o mandamento (Gn 1,28) está formulado no plural” (*Tratado Yebamot* M 6,5). “Um homem não pode ficar sem mulher, mas uma mulher pode ficar sem marido. Um homem não pode desposar uma estéril ou uma menor, que não pode dar a luz. Uma mulher pode desposar um eunuco. Um homem não pode beber o cálice da esterilidade a fim de não dar a luz, mas a mulher pode bebê-lo para não dar a luz” (*Tratado Yebamot* T 8,4). Entretanto, era preciso justificar a paternidade de Jesus, em termos sociais. Daí a necessidade de alguém disposto a fazer parte deste verdadeiro drama da salvação.

<sup>16</sup> Em todo caso, o contexto geral do texto mateano permite aplicar a José a imagem de misericordioso e puro de coração, como se exige dos discípulos de Jesus (cf. Mt 5,7-8; 9,13; 12,7).

<sup>17</sup> A arte narrativa exige plausibilidade. A preocupação de Mateus era claramente catequético-pastoral e não biográfico-histórica. Entretanto, ao fazer sua teologia narrativa tinha diante de si uma comunidade crítica, pouco disposta a aceitar argumentações mal enjambradas.

Propomos outra linha de interpretação, situando o vocábulo “justo” no contexto mais amplo do evangelho de Mateus. Justo é quem se pauta pela vontade divina e encontra nela o rumo de sua vida. O querer e o agir do justo estão sempre voltados para Deus. Desta relação decorre sua existência, e nela encontra a sua explicação. No caso de José, a palavra justo diz respeito ao conjunto de suas atitudes, nos fatos relativos à origem e ao nascimento de Jesus. Tudo quanto faz é expressão de sua fidelidade (justiça) a Deus. Como será explicitado adiante, “justo” tem a ver com a sua condição de discípulo exemplar. Sua descoberta da vontade de Deus acontece em meio a dúvidas e incertezas. Porém, sem abrir mão da disposição de, em tudo, ser fiel a Deus<sup>18</sup>. Ou seja, escutar-lhe a Palavra e colocá-la em prática. Ser justo, no caso de José, significa ser discípulo exemplar, todo centrado em Deus<sup>19</sup>.

(e) Envolto em obscuridade, José toma a decisão de repudiar sua esposa em segre-

do para não difamá-la (v. 19b). A narração deixará claro o equívoco da escolha feita. Neste momento, indica-se apenas que, apesar de o discípulo estar disposto a fazer a vontade divina, esta não se apresenta de maneira patente e inequívoca. Antes, tem lampejos de incerteza e obscuridade, chegando a provocar decisões precipitadas e indevidas a serem, em seguida, corrigidas.

Uma coisa é certa para José: seria injusto submeter sua esposa aos rigores da Lei, pela qual deveria ser apedrejada na condição de adúltera<sup>20</sup>. Porém, a Lei não previa “o repúdio em segredo”<sup>21</sup>. Esta é uma forma de sublinhar sua perplexidade inicial.

(f) Em processo de discernimento – “enquanto assim decidia” (v. 20a) – a respeito da conduta conveniente a ser assumida, José toma a posição correta, abrindo-se para Deus. Agora, sim, estava em condição de sintonizar-se, de todo coração, com Deus e captar-lhe a vontade.

(g) A alusão ao “Anjo do Senhor” é um recurso literário para se referir à comuni-

<sup>18</sup> A “justiça” de José tem a ver com a “justiça” de Abraão, na sua total obediência a Deus (Gn 15,4-6). Trata-se de uma justiça cuja raiz e motivação são de caráter teológico, e não apenas social, ético, moral ou jurídico.

<sup>19</sup> No drama da encarnação, além de José, estão implicados Maria e o Espírito Santo, cada qual com seu papel específico. Porém, ele é o único personagem descrito na condição de discípulo: escuta a revelação divina e a executa ao pé-da-letra e sem demora.

<sup>20</sup> O adultério é condenado pelo Decálogo, ao lado do homicídio e do roubo como atos que lesam o próximo (Dt 20,14; Dt 5,18). A Lei previa a morte imediata do homem e da mulher adúlteros (Lv 22,10; Dt 22,22). As moças prometidas em casamento estavam submetidas à mesma lei, como se já fossem esposas (Dt 22,23-29). Portanto, no caso de José, deveria se descobrir a identidade do indivíduo responsável pela gravidez de Maria e submetê-los aos rigores da lei. Jo 8,1-11 mostra Jesus posicionando-se diante da forma como esta lei era aplicada na sua época.

<sup>21</sup> No evangelho de Mateus, Jesus assume uma posição radicalmente crítica diante da legislação matrimonial em voga, por ser lesiva às mulheres. Conforme Mt 5,32, texto exclusivo de Mateus, repudiar uma mulher corresponde a relegá-la à condição de adúltera. Uma evidente injustiça! O tema retoma em Mt 19,1-9. Jesus põe fim ao repúdio das mulheres por parte dos maridos (= divórcio). Para ele, a Lei antiga previa o divórcio (Dt 24,1) como uma espécie de concessão divina “por causa da dureza do coração humano”. Doravante não haveria de ser assim. Se um homem despedir a sua mulher e se casar com outra, estará incorrendo em adultério.

ção de Deus com o ser humano<sup>22</sup>. É o veículo de comunicação da revelação divina. Sua fala é a fala de Deus, oferecendo a José pistas para o discernimento e a decisão. É a Palavra de Deus assumindo forma sensível<sup>23</sup>. Este fato funda-se na convicção de que Deus manifesta-se, revelando seu desígnio de salvação. Cabe ao ser humano colocar-se em posição de escuta, na condição de ouvinte da Palavra de Deus. Este dado teológico e antropológico está na base de toda experiência de discipulado, como fundamento insubstituível!

(g) José é abordado pelo Anjo do Senhor<sup>24</sup>, enquanto está dormindo e sonhando (v. 20b)<sup>25</sup>. É a forma de se referir à postura adequada do ser humano em processo de escuta dos apelos de Deus. O sono evoca a morte. É quando o indivíduo cessa todas as atividades e fica como morto. Não podendo rebater e justificar-se, dispõe-se todo para acolher o apelo de Deus, aberto no mais íntimo para as realidades supraterras. A agitação, o ativismo e a perturbação de espírito são as posturas menos ade-

quadas para quem, deveras, tem a intenção de estar disponível nas mãos de Deus<sup>26</sup>. Para sintonizar-se com o projeto divino, o ser humano é urgido a se colocar, com toda docilidade e liberdade, à escuta de Deus para, em seguida, aplicar-se em praticar a vontade revelada.

À receptividade (sono – sonho), segue a atividade humilde e eficaz. É o que faz José. Nenhuma outra ação se insere entre a ordem divina e a sua execução, pois passa da escuta da Palavra à sua imediata realização, como acontece com todo verdadeiro discípulo do Reino. Assim, ele se torna prefiguração dos “justos” do Novo Testamento – os “bem-aventurados” – que escutam a Palavra de Deus e, embora devendo seguir na contramão da “justiça dos escribas e fariseus” (Mt 5,17-20), põem-na em prática.

(i) O Anjo do Senhor chama José de “Filho de Davi”, como o evangelista havia denominado Jesus, no cabeçalho do evangelho – “Jesus Cristo, filho de Davi” (Mt 1,1). Esta patente inserção de José no âmbito do povo eleito tem a intenção de apresentá-lo

<sup>22</sup> O “Anjo do Senhor” reaparecerá apenas em Mt 28,2.5, para alertar “Maria Madalena e outra Maria” a respeito da ressurreição de Jesus.

<sup>23</sup> Mateus combina duas formas de comunicação divina: o anjo e o sonho. Em geral, são referidas separadamente. Deus fala por seu anjo ou por meio de sonhos.

<sup>24</sup> A expressão “do Senhor” dá credibilidade ao que será comunicado a José. Afinal, não se trata de um anjo qualquer. É um anjo de origem confiável. O cap. 2 faz quatro alusões ao Anjo do Senhor (Mt 2,12.13.19.22). O AT contém anúncios de nascimento transmitidos por anjos (Gn 16,7-12; Jz 13,3-25).

<sup>25</sup> Na concepção do Antigo Oriente, os sonhos colocavam os seres humanos em contato com o mundo da divindade. Por isso, possibilitavam-lhes ter acesso a informações impossíveis de serem obtidas por outras vias. São mediações para a revelação de verdades escondidas (cf. 1Sm 28,6.15; 1Rs 3,5) ou de exortações divinas (Jr 29,8; Jô 7,14; Sb 18,18; Mt 27,19). Em Mateus, José tem quatro sonhos (Mt 1,20; 2,13.19.22), em momentos importantes de sua vida familiar.

<sup>26</sup> Jô 33,15-16 alude à situação privilegiada, representada pelo sonho, em se tratando de revelação divina: “Em sonho ou visão noturna, quando o sono profundo cai sobre as pessoas adormecidas em seu leito, então lhes abre os ouvidos e as atemoriza com aparições”. Para o salmista, “é inútil madrugar, deitar tarde, comendo um pão ganho com suor; a quem o ama o Senhor o concede enquanto dorme” (Sl 127,2).

como o primeiro israelita a se tornar discípulo do Messias Jesus, abrindo caminho para as futuras gerações que, como ele, haveriam de acolher a Palavra e praticá-la. Daí nasce o verdadeiro Israel, formado por quem abraçou o Reino anunciado por Jesus, tema essencial do evangelho mateano.

(j) As palavras do Anjo (v. 20-21) oferecem a José uma chave de compreensão para a sua experiência. Antes de mais nada são palavras de ânimo e conforto: “Não tenhas medo!” Em clima de agitação e perturbação de espírito é impossível perceber a vontade de Deus.

O Anjo explica-lhe o sucedido, sem diminuir o grau de exigência da proposta divina, nem, muito menos, eliminar-lhe a obscuridade. Importa, sobremaneira, reconhecer a vontade divina na sua inteireza, mesmo desconhecendo suas motivações últimas, reservadas apenas para Deus. A José cabe ponderar e dar a sua anuência.

As palavras do Anjo retomam uma informação dada no v. 18, a respeito da presença do Espírito Santo na origem da concepção Jesus. De novo, retorna o tema do Gênesis. A forma passiva “foi gerado” aponta para ação de Deus como agente (passivo teológico<sup>27</sup>). Ele gerou Jesus pela força do Espírito Santo. Assim devia se entender o sucedido no ventre de Maria.

Esta explicação determinava a forma como José haveria de se relacionar com o filho que vai nascer. No plano social, deveria apresentar-se como seu pai e assumir todas as responsabilidades inerentes a esta condição; porém, a origem teológico-pneu-

mática exigia dele assumir a postura de discípulo diante do filho. Por meio de Jesus, teria acesso ao mistério de Deus, experiência semelhante à feita por todos os discípulos do Reino.

(k) O sentido do novo Gênesis é revelado no v. 21 – “ele salvará o seu povo dos seus pecados”: José estava sendo confrontado com uma iniciativa divina em vista da salvação da humanidade. Doravante, desempenharia um papel importante na dinâmica de oferta de salvação à humanidade. Era imprescindível obter a livre anuência de José, pois Deus não atropela a liberdade humana.

Neste versículo aparece um tema importante a ser retomado no v. 25b, quando se falará do cumprimento da ordem divina. José recebe a missão de, no futuro, “dar nome” ao menino. Entretanto, o nome é-lhe sugerido. *Dar nome* tem, na mentalidade bíblica, uma conotação particular de assenhoramento, apropriação de algo. Este é o sentido de Gn 2,19-20. O ser humano dá nome a todos os seres criados, como sinal de domínio sobre eles.

No caso de José, não poderá tornar-se senhor de Jesus, cujo Senhor é, única e exclusivamente, o Pai. Este determina o nome a ser dado por José ao filho que haverá de nascer.

Com o gesto de dar-lhe o nome sugerido pelo Anjo, José assumia um papel social em relação a Jesus, e, assim, cumpria a missão reservada para ele como discípulo do Reino. Como se vê, José foi envolvido num largo movimento de paternidade, cuja compreensão cabal lhe escapava<sup>28</sup>.

<sup>27</sup> “Passivum theologicum” é como são designadas certas formas verbais passivas encontradas na Bíblia, cujos agentes não são explicitados e que têm Deus como agente pressuposto.

<sup>28</sup> De Deus “recebe o nome toda paternidade no céu e na terra” (Ef 3,15).

(l) O evangelista recorria ao profeta Isaías para oferecer à comunidade, a partir das Escrituras, uma pista de interpretação da pessoa de Jesus (v. 22-23). Em geral, pensa-se que Mateus, referindo-se a Is 7,14, queira fundamentar a concepção virginal. Na verdade, ao projeto literário-teológico do evangelho interessava a referência ao Emanuel, Deus conosco<sup>29</sup>. Este não era um segundo nome de Jesus e, sim, um indicativo da sua condição na história humana. Estava destinado a ser a presença de Deus na vida da comunidade cristã e, por extensão, na de toda a humanidade. Para os desejosos de encontrar Deus só haveria um caminho: o filho gerado do Espírito Santo no ventre de Maria, cuja paternidade social e “davídica” José era solicitado a assumir.

(m) Sem titubear, José abraça a proposta divina. “José, despertando do sono, fez como lhe ordenou o anjo do Senhor e recebeu sua mulher” (v. 24). É a ação das pessoas movidas pelo querer divino, quando chegam a reconhecê-lo, como o agricultor na parábola do tesouro escondido no campo (Mt 13,44). Em momento algum, o texto denota coação sobre José. Ele age por livre decisão! Sem isto, o gesto de obediência perderia toda a transcendência.

(n) O v. 25 deve ser interpretado no contexto da narração. Interessa ao evangelista eliminar qualquer possibilidade de dúvida em torno da origem divina de Jesus. Por isso, declara que José “não teve relações

sexuais com Maria até o dia em que ela deu à luz um filho”. Todas as discussões posteriores em torno da virgindade de Maria – antes, durante e depois do parto – estão fora de seu interesse. O discípulo José foi desafiado de modo radical a acolher uma proposta divina, para a qual estava impossibilitado de oferecer explicações, capazes de minorar-lhe o impacto desafiador.

(o) “E ele o chamou com o nome de Jesus” (= Deus – Javé – salva!<sup>30</sup>) é o ápice do cumprimento da ordem divina. Uma vez captada e compreendida a vontade de Deus, José age como um discípulo autêntico, praticando-a sem hesitar! No caso, a “compreensão” vai além da mera racionalidade. Nela está implicada a fé, em contexto de discipulado. A compreensão, portanto, é de outra ordem, sem perder sua consistência e credibilidade. Por isso, José age com prontidão.

## 5. As grandes linhas do discipulado de José

Como foi dito, o evangelho de Mateus é uma espécie de catecismo do discipulado cristão. Tem por objetivo oferecer pistas para a correta vivência do seguimento de Jesus no âmbito da comunidade mateana e, por extensão, de qualquer comunidade cristã. Mateus apresenta José como encarnação do verdadeiro discípulo na relação com Deus. Por isso, serve de exemplo para os futuros discípulos de

<sup>29</sup> Entretanto, a alusão a “virgem” reforça o ponto no qual se quer insistir – Jesus Cristo é de origem divina –, descartando a participação de José na sua concepção.

<sup>30</sup> A etimologia do nome *Jesus* está indicada em Mt 1,21: “...pois ele vai salvar o seu povo dos seus pecados”. Assim, Jesus mostrará sua condição de *Emanuel*. Ele haveria de ser a presença misericordiosa do Deus libertador – “Deus conosco” –, trazendo perdão e salvação para a humanidade. José foi a primeira pessoa a ter acesso a esta revelação, que revolucionaria a vida dos futuros discípulos.

Jesus. O foco de interesse não se centrou na defesa da concepção virginal, que fazia parte da tradição recebida e aceita por sua comunidade, mas na explicitação do projeto salvífico de Deus para a humanidade, no qual José foi chamado a participar de maneira especial. Daí ser descrito como discípulo aquele que “obedece” à ordem divina. Mateus introduz, assim, um tema central do seu evangelho.

Partindo das considerações em torno de Mt 1,18-25, é possível esboçar as grandes linhas do discipulado cristão, encarnadas na figura de José.

#### (a) *O discípulo justo*

Como foi explicado, Mt 1,19 esteve no centro das disputas entre os exegetas. As controvérsias giraram em torno do exato sentido do adjetivo justo. Um caminho para a sua interpretação consiste em considerar todas as menções a José, em Mt 1-2, sob o prisma da justiça.

Além do texto aqui considerado, José é referido em Mt 2,13-23. São duas cenas da infância de Jesus, onde ele está a serviço do menino Jesus. A primeira refere-se à fuga para o Egito (2,13-18). A segunda narra a volta do Egito para Nazaré, em meio a perigosas peripécias (Mt 2,19-23). Também aqui fica patente sua condição de justo: sua vida está toda centrada em Deus e no serviço divino; Deus pode contar com ele, mesmo em situações arriscadas; o medo e a insegurança não têm lugar em sua vida, uma vez conhecidas as aspirações divinas. Por ser justo, está onde Deus o envia e faz o que Deus lhe ordena, embora pondo em risco sua reputação e sua vida.

#### (b) *O discípulo que crê e discerne*

A narrativa evangélica fala de José em processo de discernimento da realidade. A obscuridade parece reinar ao redor. As coisas são demasiado complicadas. Nestas circunstâncias, acaba por se desorientar. Porém, José acredita e se pergunta o que fazer, considerando sua condição de justo. O discernimento tornou-se, por conseguinte, um imperativo. Caso contrário correria o risco de equivocar-se na tomada de decisão.

Porém, o discernimento supõe um clima adequado. Envolvido por confusão mental e inquietação de espírito, José estaria impossibilitado de sintonizar-se com a vontade de Deus. Por isso, a comunicação acontece durante o sono, quando a paz reinava em seu coração. Este era o ambiente propício para perceber, com clareza, para onde Deus apontava.

#### (c) *O discípulo dócil*

José tinha o plano de “repudiar Maria em segredo”, intenção bastante irreal no contexto jurídico da época. Porém, esta intenção não se constituía numa espécie de absoluto. Interessava-lhe, apenas, realizar o propósito de Deus, seja qual fosse. Para tanto se exigia uma enorme liberdade de espírito. José faz a sua escolha sem considerá-la fechada e inquestionável. Permanece sempre disposto a se deixar guiar, mesmo devendo abrir mão de decisões já tomadas. De fato, a comunicação do Anjo do Senhor exigir-lhe-á dar uma guinada na sua opção, até o extremo de deixá-la de lado e seguir numa direção imprevista. Esta era – e é – uma exigência do cumprimento da vontade de Deus!<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Também os Magos deverão mudar de plano por orientação divina, bem como José, ao ir para o Egito e de lá voltar (Mt 2,12-23).

#### (d) *O discípulo obediente*

Uma vez conhecida a vontade de Deus, José submete-se sem discutir. É interessante o fato de em todo o evangelho da infância, apesar das várias referências a José, Mateus não lhe atribuir uma só palavra. Basta-lhe "ouvir" a Palavra de Deus para, com prontidão, praticá-la. A escuta transforma-se em ação. A vontade divina é como um tesouro encontrado no campo pelo lavrador, o qual se torna absoluto em sua vida, relativizando tudo mais.

Esta chave de interpretação evita leituras precipitadas, onde José é considerado uma espécie de marionete na mão de Deus. O recurso literário utilizado por Mateus não priva José de sua liberdade. Pensar numa direção diferente redundaria em reduzir Deus a uma espécie de tirano despótico, sem nenhum respeito pela criatura humana. Esta não é a teologia de Mateus! O recurso às mediações humanas, das quais Deus se serve para concretizar a salvação, só tem sentido se a liberdade do ser humano for garantida e respeitada. Isto se dá com José. Sua abertura para Deus resulta de um total domínio da liberdade, a ponto de acolher algo impossível de ser compreendido e aceito nos limites de uma vontade alienada.

#### (e) *O discípulo generoso e disponível*

Bastou a José reconhecer a vontade de Deus para acolhê-la com toda generosidade e disponibilidade. Por isso, "recebeu em casa sua mulher" (v. 24). Supõe-se ter acolhido Maria sem recriminá-la, sem cultivar secretas desconfianças, sem ficar "de orelha em pé" para ver onde haveria de acabar tudo aquilo, sem exigir provas suplementares. Nada disso lhe passa no coração, por ser clara a vontade de Deus, embora nem todos os detalhes fossem evidentes.

#### (f) *O discípulo destemido*

A gravidez "desde o Espírito Santo" era algo inusitado e estranho. A tradição de Israel conhecia muitas histórias de mulheres estéreis que deram a luz por intervenção divina, mas não sem a colaboração de seus maridos. Maria não era estéril. Logo, não era necessária a intervenção divina em vista da gravidez. Por outro lado, as esperanças messiânicas do tempo não comportavam concepções por obra do Espírito Santo. Tudo isto exigiu de José muita coragem para acolher Maria, uma vez reconhecida nela a ação divina.

### 6. O discípulo inspirado em José

Mateus descreveu José em tom maior, um personagem capaz de servir de modelo para os membros de sua comunidade e para os cristãos de todos os tempos. Só quem tiver as virtudes de José, será apto para se tornar discípulo de Jesus. Quem se dispuser a ser como José, estará em condições de ler o Evangelho, pois tudo quanto aí se diz pressupõe atitudes semelhantes à dele. Quem estiver disposto a colaborar com a obra de Deus, nos moldes de José, torna-se digno do nome cristão.

Como José, o discípulo:

(a) *abre-se para o querer divino, sem impor condições*

Quem se dispõe a se fazer discípulo do Reino, deve colocar-se nas mãos de Deus, sem impor limites ou restrições. A vontade divina torna-se um imperativo, diante do qual nenhum apelo se sobrepõe. É preciso estar disposto "para o que der e vier". Este pré-requisito possibilita ao discípulo lançar-se de cheio na dinâmica divina e o abre para as novidades e as surpresas, características da ação de Deus.

*(b) cria as condições necessárias para um bom discernimento*

Além de almejar discernir, urge criar um clima favorável para um correto discernimento. Em José isto é representado pela experiência do sono, onde acontece o sonho revelador. Na experiência dos discípulos atuais, corresponde a fazer calar as muitas vozes desencontradas borbulhando em suas mentes e corações. Mas também todo um ambiente de ansiedade, agitação, nervosismo e insegurança. Na paz e na tranquilidade de espírito, o discípulo do Reino tem mais possibilidade de encontrar a vontade de Deus.

*(c) dispõe-se a receber missões duras e exigentes*

A entrega da liberdade nas mãos de Deus, por sua vez, supõe coragem para enfrentar as missões queridas por ele. Tais missões, não poucas vezes, levam o discípulo até os extremos de sua força e suportabilidade. Em situações limites, vê-se desafiado a entregar a vida, como prova de adesão ao Reino. É o testemunho dos mártires, tão freqüente na história da fé cristã.

*(d) aceita caminhar na obscuridade, porém, seguro da presença de Deus*

A adesão ao Reino e ao respectivo projeto de vida, embora sendo grande a boa vontade e a sinceridade do discípulo, não lhe proporcionará a clarividência e a luminosidade desejadas a respeito dos caminhos a serem trilhados. O discípulo verdadeiro caracteriza-se por sua capacidade de seguir adiante, mesmo às apalpadelas e aos tropeços. Só lhe interessa uma coisa: saber-se fazendo a vontade de Deus. Basta-lhe esta certeza indiscutível para se manter seguro e inabalável na caminhada.

*(e) jamais se sente lesado em sua liberdade por causa de Deus*

O serviço divino é caminho de realização pessoal para o discípulo. Colocar-se nas mãos de Deus nada tem de renúncia à liberdade. Pelo contrário, consiste em potenciá-la ao máximo, por lhe ser permitido atuar para além de qualquer contaminação do egoísmo e da maldade. Esse é um caminho de superação das paixões desordenadas e da tirania das opções mesquinhas e egoístas. Portanto, o discípulo jamais se sentirá um joguete nas mãos de Deus, nem tampouco uma espécie de fantoche sem vontade própria. Sentir-se e comportar-se assim é indigno de um discípulo. Ao contrário, supõe-se que assuma com toda determinação e garra a proposta divina, empenhando nela toda a sua liberdade.

*(f) recusa-se a se arvorar em juiz de Deus, nem tem a pretensão de ensinar-lhe a melhor forma de agir*

Aceitando a vontade divina assim como se apresenta, sem lhe fazer reparos, o discípulo do Reino mantém-se na sua condição de discípulo. Nada de querer dar lições a Deus e determinar-lhe como deve agir. A grande tentação, nestas circunstâncias, consiste em atribuir a Deus alguma forma de engano. No caso do evangelho, consistiria em julgar um equívoco divino a concepção "pelo Espírito Santo" e sugerir a Deus um caminho mais compreensível e aceitável para fazer a salvação chegar à humanidade. São os julgamentos precipitados a respeito da obra de Deus, sempre inusitada e imponderável. Só pode ser discípulo, quem se dispuser a fazer a vontade de Deus assim como se apresenta, por saber que, mesmo incompreensível, é a forma mais conveniente de o projeto de Deus se realizar.

(g) *ouve a palavra de Deus e, sem pestanejar, coloca-a em prática*

O contínuo discernimento mantém o discípulo sempre sintonizado com a vontade de Deus e o motiva a estar disponível para realizá-la. Este movimento de percepção da vontade divina e de submissão a ela marca a cadência da vida do discípulo do Reino, dando-lhe um rumo preciso. Por isso, não corre o risco de caminhar ao léu, sem rumo, vagando por caminhos incompatíveis com a sua opção. Isto lhe dá segurança e lhe permite voltar ao bom caminho, na eventualidade de se perceber infiel.

## Conclusão

Para uma comunidade perseguida e passando por sérias dificuldades – como era o caso da comunidade mateana e pode ser o de muitas comunidades cristãs atuais –, o testemunho de José norteia a opção pelo Reino anunciado por Jesus. Só tem condições de perseverar no discipulado cristão, quem, como José, for além de suas dúvidas e inquietações interiores e se lançar, impávido, na execução da vontade de Deus. Em outras palavras, quem se dispuser a entrar pela porta estreita (Mt 7,13-14). O desejo de Deus consiste em que o discípulo crie um vínculo de união tão forte com Jesus a ponto de se dispor a arriscar tudo por sua causa.

Em última análise, nisto consistiu a experiência do justo José. O compromisso com Jesus, a pedido de Deus, levou-o a redimensionar o rumo de sua vida. Doravante, sua existência consistiria em pôr-se a serviço exclusivo do Filho de Deus. Esta era a aspiração de Mateus em relação aos cristãos de sua comunidade, posta sob o fogo cruzado da liderança judaica. Agindo assim, estariam construindo suas casas sobre a rocha, prontas a desafiar toda e qualquer tempestade, mesmo a mais terrível, sem se deixar abalar (Mt 7,24-25).

De certo modo, todos os discípulos e discípulas de Jesus são desafiados a ser como José. Sem isto, fica impossibilitado o discipulado nos moldes queridos pelo Mestre Jesus. Portanto, qualquer leitura do texto mateano referente a José, feita numa perspectiva de comiseração e diminuição dele, será inconveniente. Mateus inseriu, no início do evangelho, uma figura de alto valor paradigmático, capaz de inspirar os leitores-ouvintes de sua comunidade e os de todos os tempos, como nós!

---

Endereço do autor:

Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus  
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127- Planalto  
31.720-300 Belo Horizonte – MG  
Tel: (31) 3499-1624 e Fax: (31) 3499-1611  
E-mail: jvitoriosj@cesjesuit.br

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1- Que imagem de José predomina no seu horizonte teológico-espiritual?
- 2- Em que aspectos o artigo ajudou você a repensar a imagem bíblica de José?
- 3- Que traços do discipulado de José você considera mais inspiradores para cristãos e cristãs de hoje e, particularmente, para as comunidades religiosas?

# Repensar a teologia da Vida Religiosa a partir do gênero.

## Desafios para a Vida Religiosa

CAMILO MACCISE, OGD

### Introdução

O documento pós-sinodal *Vita consecrata*, ao falar das novas perspectivas de presença e de ação para a mulher consagrada, reclamava uma formação mais aprofundada da mesma para melhor compreender os próprios dons e para um estímulo em ordem à necessária reciprocidade com os homens no seio da Igreja. Ao mesmo tempo, manifestava abertamente que “espera-se muito do talento da mulher mesmo no campo da reflexão teológica, cultural e espiritual, não apenas naquilo que diz respeito ao específico da vida consagrada feminina, mas também na inteligência da fé em todas suas manifestações”<sup>1</sup>. Para reforçar essa legítima aspiração, o mesmo documento recordava a colaboração que a história da espiritualidade devia a santas como Teresa de Jesus e Catarina de Siena, Doutoradas da Igreja, e a tantas outras místicas.

Certamente não podemos negar que, a partir do Vaticano II, as mulheres consagradas começaram a dizer sua palavra a partir de sua perspectiva feminina no campo da teologia da vida consagrada. Isso foi feito não apenas em livros, mas também em artigos, congressos, capítulos gerais e outros tipos de assembléias. Porém, estamos apenas começando a enfrentar esse

desafio. Ainda predomina a reflexão teológica masculina também no que se refere à vida religiosa feminina, especialmente à contemplativa. Isso priva a teologia de um rico leque de enfoques valiosos não só para a vida religiosa feminina, mas também para a masculina. A reciprocidade de experiências é um elemento muito importante se quisermos ter uma visão holística da mesma vida consagrada.

### I. Visão androcêntrica na sociedade, na igreja e na teologia

Um primeiro passo para compreendermos os desafios que apresenta o repensar a teologia da vida consagrada a partir do gênero, está no fato de que a teologia no geral tem apresentado uma imagem patriarcal de Deus. Isso trouxe consigo uma estruturação da sociedade centrada numa ordem hierárquica e discriminatória do feminino. A organização masculino-piramidal foi o ponto de partida da igreja que não valorizou os carismas femininos no seu interior. A masculinidade de Cristo foi interpretada como revelação da masculinidade de Deus, e daí partiu-se para a discriminação e a opressão da mulher. Nós sabemos que Jesus aparece como libertador de todas as pessoas e sua conduta orientada

sempre a favorecer os marginalizados incluiu as mulheres que também foram chamadas a segui-lo. Jesus dialoga com as mulheres, procura escutá-las, dirige-lhes a palavra, as interpela. Sua atitude está longe de ser paternalista. Ele tem uma praxe libertadora que nega e combate as divisões criadas pelos homens. Entre elas a divisão legalista entre o puro e o impuro que marginalizava ainda mais a mulher (Mt 9,20-22); a situação de inferioridade jurídica onde a mulher se encontrava dentro de um sistema cheio de vetos, proibições na tomada de decisões como, por exemplo, no que se referia ao libelo de repúdio (Mt 19,3-12). A rejeição da divisão entre lugares sagrados e profanos mantinha a mulher discriminada e excluída do culto no templo. Jesus apresenta uma relação nova com Deus. Todos, varões e mulheres, podem participar num culto interior em qualquer lugar conduzidos pelo Espírito e seguindo o Cristo que é a verdade. A face de Deus que apresenta Jesus é um rosto paterno-materno, cheio de ternura e misericórdia, de compaixão e proximidade; que compreende e perdoa sempre. Ainda mais, as mulheres aparecem como discípulas e protagonistas ativas no anúncio do Reino. Entre elas destaca-se Maria que dá seu consentimento livre e responsável à obra da encarnação e que no Magnificat proclama que Deus é o protetor dos pobres e derruba do trono os poderosos<sup>2</sup>.

Nos primeiros tempos do cristianismo, como se encontra testemunhado no livro dos Atos dos Apóstolos, é superada, ainda que só em parte, a estrutura patriarcal do mundo judeu ao serem criadas relações fra-

ternas nas comunidades primitivas. Nelas as mulheres têm também um papel ativo e responsável. Isso vai mudando com a expansão do cristianismo. Os ministérios são estruturados copiando o modelo das instituições patriarcais que existiam na sociedade. Tudo isso vale principalmente no que diz respeito à autoridade exercida quase que exclusivamente pelos varões.

Conseqüentemente, com essa mentalidade a reflexão teológica influenciada pelo dualismo platônico e pelo androcentrismo, fez do varão o ponto de referência principal na elaboração do pensamento sobre o ser humano, sobre seus direitos e sua dignidade. A mulher era considerada inferior fisiologicamente e, por isso, submetida ao varão pela imperfeição de seu sexo. Com uma interpretação escolástica da genética humana dizia-se que a mulher era um varão inacabado. Essa inferioridade era manifestada também na fraqueza volitiva e intelectual. Por tudo isso a mulher devia ser guiada e orientada pelo varão, e a ele devia submeter-se e obedecer. A educação feminina se servia até mesmo da figura de Maria, obediente, como ideal de uma atitude passiva no âmbito familiar, social e religioso. Não é pois de estranhar que os mosteiros contemplativos tivessem que ficar sob a custódia e a direção da hierarquia eclesiástica e religiosa.

Torna-se evidente que não era possível à mulher, mesmo sendo religiosa, fazer teologia nesse ambiente de exclusão, onde até mesmo o acesso à cultura lhe era vedado. No campo eclesiástico reinava um forte sentimento antifeminista que desconfiava até da piedade das mulheres: "Quando

<sup>2</sup> Cf. *Marialis cultus*, 37.

vires tua mulher andar muitas estações e dedicar-se a devoções, achando-se santa, fecha a porta para ela; e se isso não bastar, quebra a pema dela se for moça nova, que mesmo mancando poderá ir ao paraíso sem andar buscando santidades suspeitas. Para a mulher é suficiente escutar um sermão e fazer, se quiser algo mais, que alguém leia para ela um livro enquanto tece, e ficar assim sob a mão do marido”<sup>3</sup>. E o que dizer da impossibilidade que tinha a mulher de ler a Escritura, seja por ser analfabeta, seja pelo medo que provocou a reforma protestante. Assim, por exemplo, Melchor Cano (1509-1560), ao censurar o Catecismo de Bartolomeu de Carranza, não fala só contra as mulheres, senão que gostaria de proibir-lhes a leitura da Bíblia: “Por mais que as mulheres reclamem esse fruto (a leitura da Escritura), é preciso proibi-lo e usar faca de fogo para que o povo não chegue perto dele”<sup>4</sup>.

## II. Rumo a uma nova visão da mulher na sociedade, na igreja e na teologia

Em todas as épocas se levantaram vozes dentro da sociedade e da Igreja em favor da mulher, de sua igualdade com o varão, de sua dignidade e da necessidade que existe de que ela tenha oportunidades para se desenvolver como pessoa na reciprocidade com os varões. Por isso prefere-se hoje falar de gênero antes que de sexo.

Já no século XVI, diante de uma ambiente de exclusão e suspeita em relação com as mulheres, Sta Teresa de Jesus faz uma apologia delas. Trata-se de um texto da pri-

meira redação de seu livro *Caminho de Perfeição*, julgado perigoso e censurado por um dos censores. Por isso não pode ser lido totalmente: “Nem abominastes, Senhor da minha alma quando andavas pelo mundo, as mulheres, antes as favoreceste sempre com muita piedade e achastes nelas tanto amor e mais fé do que nos homens, pois estava vossa sacratíssima Mãe, nos méritos dela merecemos... o que desmerecemos pelas nossas culpas. Não é suficiente, Senhor, que o mundo nos tenha encurraladas... que não possamos fazer coisa que valha nada por Vós em público, nem ousemos falar algumas verdades que choramos em segredo, mas que não iríeis ouvir de nós pedido tão justo? Eu não acredito nisso, Senhor, de vossa bondade e justiça, pois sois juiz justo e não como os juizes do mundo, que -por serem filhos de Adão e, no final, todos varões- não há virtude de mulher que eles não a tenham como suspeita”<sup>5</sup>.

A partir do século XIX começou um feminismo reivindicativo que procurava obter os mesmos direitos civis que tinham os varões. Mais adiante, continuou o movimento dando destaque à opressão que a mulher vinha sofrendo tanto na sociedade civil como na religiosa. Seus sistemas, centralizados no varão, tinham mantido a mulher em função dele, exigindo obediência e passividade. Foi-se trabalhando por obter uma igualdade na diferença. Foram questionados os pressupostos sobre os quais a biologia, a filosofia, a sociologia e a teologia consideravam a mulher e seu papel na sociedade e na Igreja. Parte-se da uni-

<sup>3</sup> “F. DE OSUNA, *Norte de estados*, Sevilla, 1531, f. 160v.

<sup>4</sup> In: D. DE PABLO MAROTO, *Dinámica de la oración*, Madrid; 1973 p. 109-110.

<sup>5</sup> *Camino de Perfección*, código de El Escorial, 4, 1.

dualidade humana para viver a diferença na reciprocidade enriquecedora, baseada na diversidade e na igualdade. "Na reciprocidade, nenhum dos dois gêneros pode dizer a última palavra acerca do outro, porque somente juntos formam a humanidade. Reciprocidade significa, realmente, cooperação e, por isso mesmo, prioridade do vaivém das mudanças simbólicas na firmeza dogmática, prioridade da flexibilidade dialógica sobre as questões da identidade e do específico. Tudo isso se traduz no respeito da espontaneidade de situar-se cada um no interior de uma relação, cada vez mais única"<sup>6</sup>.

Essas mudanças na visão antropológica do ser humano também influenciaram na Igreja, para ir reconhecendo "o fundado de muitas das reivindicações referidas à posição da mulher nos diversos âmbitos sociais e eclesiais. É obrigatório reconhecer igualmente que a nova consciência feminina ajuda também os homens a revisar seus esquemas mentais, sua maneira de se autocompreender, de se situar na história e interpretá-la, assim como de organizar a vida social, política, econômica e eclesial"<sup>7</sup>. Estas perspectivas antropológicas levaram igualmente a revisar a apresentação da figura de Maria na Igreja. Anteriormente, como já foi dito, foi utilizada para controlar a mulher e mantê-la na passividade e submissão. Paulo VI, pelo contrário, afirmava que Maria pode ser um modelo para a mulher contemporânea que quer participar com poder de decisão na vida da so-

riedade. A Virgem não foi uma mulher de religiosidade alienante e irresponsável. Ela deu seu consentimento ativo e livre à encarnação e não duvidou em proclamar que Deus é vingador dos humildes e oprimidos e derruba os poderosos de seus tronos. Por isso, Maria não defrauda nenhuma das esperanças profundas dos homens e mulheres de nosso tempo<sup>8</sup>.

### III. Repensar os elementos essenciais da vida consagrada a partir do gênero

É claro que a teologia da vida consagrada não pode ser repensada sem levar em conta o que há por trás da nova visão do ser humano na sociedade, na Igreja e na reflexão teológica. Em 1983 a Congregação para os Religiosos, publicava uma Instrução onde lembrava como elementos essenciais da vida religiosa: "a vocação divina, a consagração pela profissão dos conselhos evangélicos com votos públicos, uma forma estável de vida comunitária; para os Institutos dedicados à obras de apostolado, a participação na missão de Cristo através de um apostolado comunitário, fiel ao dom fundacional específico a às tradições sadias; a oração pessoal e comunitária, o ascetismo, o testemunho público, a relação característica com a Igreja, a formação permanente, uma forma de governo baseada na autoridade religiosa que tem por base a fé"<sup>9</sup>. O documento também lembrava que realmente esses elementos estão

<sup>6</sup> G.P. Di INCOLA, *Feminismo*, In: Diccionario de pensamiento contemporáneo, Madrid: 1997 p. 525-526.

<sup>7</sup> VC 57.

<sup>8</sup> Cfr. *Marialis cultus*, 37.

<sup>9</sup> "CRIS, *Elementos essenciais da doutrina da Igreja sobre a Vida Religiosa aplicada aos Institutos dedicados às obras de apostolado*, n. 4.

sujeitos a uma evolução exigida pelas mudanças históricas e culturais. Treze anos depois *Vita cosecrata* oferecia já uma série de mudanças no modo de entendê-los e de vivê-los e os agrupava ao redor da consagração, da comunhão e da missão. Por outro lado, o Papa, na mesma Exortação, augurando que fosse acolhida cordialmente, convidava a continuar a reflexão para aprofundar o grande dom da vida consagrada na sua tríplice dimensão de consagração, comunhão e missão<sup>10</sup>.

### 1. Repensar a consagração

Uma aproximação à consagração a partir da perspectiva de gênero, além de levar em conta o aspecto de reserva (entrega a Deus) e de missão (disponibilidade para o serviço do Reino), tem de aprofundar seu significado *esposal*, particularmente vivido pela mulher consagrada. Mesmo a esposabilidade sendo própria de toda a vida religiosa masculina ou feminina, é principalmente a mulher quem se encontra a si mesma nesse modo particular de se relacionar com o Senhor<sup>11</sup>. Essa dimensão de acolhida esposal pode dar aos votos perspectivas originais que completem as tradicionais.

No voto de *castidade*, a reflexão a partir do gênero feminino descobre aspectos de uma grande riqueza, como o da comunhão e cuidado da vida; a centralidade da pessoa nas relações humanas; a ternura e candura nas mesmas; a dimensão da fecundidade espiritual. As mulheres consagradas estão chamadas a aprofundar nesse aspecto à luz da vida de Maria, virgem-esposa que aco-

lha a Palavra e colabora na construção da nova humanidade<sup>12</sup>. É preciso uma reflexão feita pelas mulheres consagradas sobre a experiência existencial que elas percorrem a partir de seu gênero, para ir enfrentando os desafios que se apresentam ao longo das diversas etapas do caminho que leva a um amadurecimento psicológico e afetivo no compromisso da virgindade. Um compromisso de entrega a Deus e de serviço ao próximo.

No que diz respeito ao voto de *pobreza*, falta também um maior aprofundamento feito a partir do feminino. Teríamos de partir da capacidade que a mulher tem de entrega, que a leva a colocar o que ela é e o que ela tem a serviço dos outros, especialmente dos mais pobres e necessitados. Isso pode ajudar a abrir novos horizontes na forma de entender e de viver as exigências da pobreza religiosa. Essa inclui também a preocupação pelo equilíbrio dos recursos naturais, a promoção da solidariedade e da caridade.

O voto de *obediência* precisa também ser visto com o olhar feminino. Assim poderão ser encontradas motivações renovadas e diferentes das tradicionais enraizadas em sociedades patriarcais e em estruturas similares ao interior da Igreja. Teriam de ser superados os esquemas hierárquicos, mais próprios do masculino. Esses levaram ao autoritarismo. É preciso refletir sobre uma nova compreensão do exercício da autoridade e da prática da obediência que favoreça o diálogo, a co-responsabilidade e a procura comunitária da vontade de Deus.

<sup>10</sup> Cfr. VC 13.

<sup>11</sup> Cfr. Id. 34.

<sup>12</sup> Cfr. Ib.

Isso poderia orientar mais evangelicamente a autoridade como serviço, e a liberdade para ter sempre presente o bem dos outros, sem cair no paternalismo que ainda existe na vida consagrada.

## **2. Repensar a comunhão**

A vida fraterna em comunidade é sinal e instrumento de uma Igreja entendida como mistério de comunhão. É preciso que esse aspecto seja aprofundado a partir da perspectiva de gênero. Além das exigências psicossociológicas de um grupo humano, e que são comuns às comunidades masculinas e femininas, para que esse grupo chegue à sua integração, há outras que dependem do gênero. Ele cria diferentes tipos de relacionamento. Existe uma maneira diferente de exercer o serviço da autoridade e da coordenação da vida fraterna. As relações interpessoais estão caracterizadas pelo estilo feminino de focar o afeto recíproco, pela atenção aos detalhes, pela disponibilidade para o serviço. A partir do masculino se foca mais a funcionalidade da vida fraterna em comunidade e o dinamismo apostólico que gera; a partir do feminino, se deveria destacar a comunidade como espaço teologal de encontro com o Senhor e com os outros.

Outro ponto importante é enfrentar, a partir da psicologia feminina, o desafio do diálogo e discernimento comunitários e de viver uma espiritualidade de comunhão na abertura à unidade na diversidade. Deveria ser analisado com os olhos da mulher consagrada o testemunho da irmandade num mundo dividido, violento, cheio de ódio,

de guerras e injustiças para abrir perspectivas de superação da violência da força com a violência do amor.

## **3. Repensar a missão**

*Vita consecrata* destaca que o futuro da nova evangelização e da ação missionária torna-se inviável sem a colaboração das mulheres, particularmente das mulheres consagradas<sup>13</sup>. A riqueza da contribuição feminina no campo evangelizador já foi manifestada na experiência da vida consagrada. Com sua presença majoritária, feita de doação generosa nos caminhos da inserção no meio dos pobres e a partir de uma leitura feminista do evangelho, as mulheres consagradas estão chamadas a repensar e propor estilos novos de testemunho, de anúncio, de interpeleção na missão de evangelizar no mundo de hoje.

Os novos espaços abertos à evangelização para as mulheres consagradas, como a animação da comunidade cristã, o acompanhamento espiritual, a promoção da justiça e da paz, permitem que elas possam enriquecer a pastoral eclesial a partir de sua experiência. Isso também ajudará a refletir sobre temas como a opção pelos pobres, o profetismo, a inculturação do evangelho e da mesma vida consagrada, a espiritualidade, o diálogo ecumênico e inter-religioso, o serviço educativo e de saúde e os meios de comunicação.

## **4. Repensar a vida contemplativa feminina**

Um ambiente onde é mais urgente a participação na reflexão teológica da vida

<sup>13</sup> Cfr. VC 57.

consagrada a partir do gênero é, sem dúvida, o da vida contemplativa feminina. Seu estilo de vida é continuamente louvado e protegido pela Igreja e conta com grandes santas como Teresa de Ávila e Teresa de Lisieux, Doutoradas da Igreja. Mesmo assim, não foi incentivado nas monjas contemplativas a necessidade de que sejam elas mesmas que reflitam os horizontes teológicos de sua vocação e missão na Igreja. Quase sempre foram varões que elaboraram a doutrina teológica da vida contemplativa feminina. Foram eles que colocaram as bases doutrinárias para justificar um tipo de clausura em documentos oficiais como *Venite seorsum* (1969) e *Verbi Sponsa* (1999). Isso empobreceu a reflexão teológica sobre a vida contemplativa e impediu uma visão da mesma e de suas exigências a partir daquelas que receberam esse carisma. Está faltando a riqueza da experiência e apenas são repetidas frases estereotipadas, colocados textos bíblicos fora do contexto para justificar uma vida entregue exclusivamente ao Senhor para ressaltar o absoluto de Deus.

## Conclusão

A teologia da vida consagrada conheceu um desenvolvimento extraordinário depois do Vaticano II. Não faltaram nela as colaborações das mulheres. De qualquer maneira, pode-se afirmar que ainda falta muito por fazer se for considerado que mais do 75% das pessoas consagradas são mulheres. Na medida em que elas enfrentarem esse desafio, a teologia da vida consagrada irá sendo enriquecida com a visão feminina. Esse carisma na Igreja, ao mesmo tempo que se encarna na experiência de gênero, abre nele suas potencialidades e recebe toques particulares. A perspectiva masculina e a feminina na vivência e reflexão da vida consagrada, estão sendo chamadas a complementar-se e enriquecer-se mutuamente. É preciso promover a resposta a este desafio que enfrenta hoje a teologia da vida consagrada.

---

O autor é ex-Superior Geral dos Carmelitas Descalços, ex-Presidente da União dos Superiores Gerais (U.S.G.). Professor do Instituto de Espiritualidade - México.

Endereço:

Calle Dieciocho 136

Casilla 9501 - Santiago - CHILE

### QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

- 1- Quais os aspectos que poderiam ser destacados na vivência dos votos a partir da perspectiva da mulher?
- 2- Na sua opinião, qual pode ser a colaboração específica do estilo feminino no que refere às relações interpessoais na vida comunitária?
- 3- A mulher está chamada a exercitar o profetismo hoje dentro da vida religiosa. Quais os meios necessários para que as religiosas possam exercer essa vocação profética e assim enriquecer nosso estilo de vida?

# O fascínio do Poder. Tentações e oportunidades no caminho espiritual

IR. AFONSO MURAD

## O poder em foco

Há alguns anos atrás, eu era agente de pastoral num bairro de periferia. A comunidade tinha um salão, construído em mutirão, no qual se reuniam muitos grupos, e uma salinha à parte, com o santíssimo sacramento. Elegeram Dona Joana, uma senhora idosa e muito piedosa, para zelar do salão e do sacrário. Estranhamente, depois que ela recebeu as chaves, começou um processo doloroso de conflito com a comunidade. Ela se sentia, cada vez mais, “a dona da igreja”. Inventava desculpas para não ceder a chave para os jovens, dizendo que eles “eram bagunceiros e sujavam o salão”. Reclamava das catequistas e das crianças. Depois de muito desgaste, o conselho destituiu Dona Joana do seu “poder das chaves”. Então, fiquei me perguntando o que o poder suscitou no coração daquela pessoa. Anos mais tarde, vi amigos e conhecidos ocuparem cargos políticos na gestão pública, como vereadores e prefeitos. Alguns lidaram bem com o poder, outros não. Fato semelhante presenciei em ONGs e em instituições de religiosos(as).

Com este artigo, pretendo começar uma série de reflexões sobre *gestão e espiritualidade*. Neste primeiro ensaio, abordarei as tentações do poder e a forma positiva de lidar com elas. Mostrarei ainda que a superação destas tentações exige, simultaneamente, atitudes pessoais e mudança de estruturas. Trata-se de aspectos presentes em

qualquer organização formal, onde há seres humanos, com suas belezas e fragilidades. Somente alguns pontos são específicos às instituições religiosas. Enfocarei a questão sob o prisma ético, teológico e espiritual. Ela poderá ser ampliada com a contribuição de outros saberes, especialmente da psicologia e da sociologia.

Refletirei sobre estas questões: o que acontece no coração daquele que passa a ser gestor(a) e pastor(a) de uma organização? À que tentações está sujeito? Como lidar como elas? Como fazer deste processo uma oportunidade de crescimento humano, profissional e espiritual? Dirijo este artigo a consagrados(as) e leigos que assumem a gestão e o pastoreio de instituições católicas, em nível local ou provincial. Ele pode ser útil também aos cristãos que exercem o poder em instituições políticas, como vereadores e prefeitos, bem como a coordenadores de ONGs e líderes de movimentos sociais. Conhecendo melhor o que passa dentro de si, a pessoa pode colocar-se com mais inteireza a serviço da causa de Jesus e do Reino de Deus.

A ciência moderna da administração cunhou o termo técnico “gestor(a)” para designar aquele(a) que desempenha funções da coordenação, administração, liderança e gerenciamento de organizações. Vou usar este termo, porque creio que ele é melhor do que *administrador(a)* (conotação econômico-financeira), *gerente*, *chef*

(ranço hierarquizante) ou diretor(a) e reúne as características destas palavras. No entanto, a palavra "gestor" é meramente institucional e não explícita suficientemente a dimensão espiritual e pastoral da autoridade numa organização religiosa. O(a) gestor(a) de uma instituição católica é simultaneamente um(a) pastor(a). Gestão e pastoreio são "dois lados da mesma moeda", em tensão e complementaridade. Se forem "duas moedas diferentes", favorecer-se-á uma orientação esquizofrênica para as organizações. Mais ainda: o lado pastor tem prioridade sobre o gestor, pois diz respeito à razão última da existência de qualquer instituição católica. Mas ela necessita do outro lado para manter sua consistência histórica e crescer com eficácia. Quando me refiro a "gestor(a) e pastor(a)", estou pensando tanto naqueles que coordenam uma instituição local, como naqueles que são responsáveis pelas mantenedoras, em sistema de gestão centralizada.

Muitas organizações católicas estão voltadas aos empobrecidos, no chamado terceiro setor, como em creches, centros de medidas sócio-educativas para crianças e adolescentes, escolas conveniadas gratuitas, espaços de reforço escolar e arte-educação, sócio-economia solidária, reciclagem, saúde alternativa e complementar, grupos de mulheres e espaços de formação de lideranças. Há também aquelas destinadas a outros segmentos da sociedade, tais como escolas privadas, hospitais, universidades e empreendimentos do setor de mídia e comunicação social (rádio, TV e editoras). Neste caso, os religiosos(as) são proprietários e gestores de organizações do setor de serviços. Ou seja, gerem empresas que estão no mercado, numa luta atroz pela sobrevivência. Pres-

tam um tipo específico de serviço, no setor de educação, saúde, comunicação e entretenimento e recebem por ele. Têm clientes, funcionários e fornecedores.

No dia a dia, a mente de um(a) gestor(a) de instituição católica se move no horizonte de "o que fazer". Grande parte de sua preocupação está no nível operacional: como resolver problemas, atender seus "clientes" (com ou sem aspas), lidar com os funcionários, resolver questões relacionais, garantir um equilíbrio econômico-financeiro etc. Alguns poucos desenvolvem habilidades estratégicas. Ou seja, refletem com suas equipes, fazem leituras de cenário, pensam o negócio e a missão da instituição a médio e longo prazo. Uma quantidade menor ainda aprofunda a dimensão espiritual de sua missão, confrontando as motivações do coração, descendo até a raiz de onde brotam seu ser e agir.

## **Chamados a ser filhos da luz**

Nossa existência nesse mundo é uma peregrinação em direção a Deus, "luz de toda luz", um caminho para a santidade, que ao mesmo tempo é dom de Deus (graça) e opção humana (liberdade). Toda e qualquer realidade humana é colocada por Deus para tornar a pessoa melhor e mais iluminada: *tudo concorre para o bem dos que amam a Deus* (Rm 8,28).

O ser humano tem um lado luminoso e outro sombrio. Cada um conjuga, em diferentes graus, luz e trevas, o lado bom e o ruim, o nível alto e o nível baixo de energia espiritual. A pessoa tem que zelar de si mesma, com um jardineiro interior, que conhece a terra, cuida dela, mantém os limites das ervas invasoras, cultiva flores e frutos, colhe-as, saboreia e partilha os fru-

tos. O cuidado consigo mesmo não é egoísmo ou narcisismo. Vistos na ótica da maturidade e da caridade, crescimento humano e espiritual são convergentes. Quanto mais a pessoa desenvolve seus talentos humanos, maior a possibilidade de encontro com Deus. O crescimento humano é resultado do exercício constante de autoconhecimento. A pessoa descobre suas fraquezas e suas forças a partir de atitudes e atos cotidianos. Reconhece os erros, pede e recebe perdão e segue em frente. Quanto mais você se conhece, mais sabe distinguir, numa situação determinada de sucesso ou de fracasso, a sua participação e a dos outros, o que lhe cabe ou não. E para manter o processo de autoconhecimento, é necessário muitas vezes fazer silêncio, sair do contexto turbulento onde está mergulhado e ver-se de fora, como quem se olha num espelho ou num monitor de vídeo.

A evolução espiritual é o crescimento humano levado à sua máxima potência, colocado em relação a Deus, “o Pai de toda luz” (Tg 1,17). Na sua peregrinação humana, a pessoa sente que o Senhor lhe conduz pela mão, iluminando-lhe a inteligência e a sensibilidade, fazendo-a capaz de amar mais e perdoar. Daí a necessidade da oração, da meditação, de momentos explícitos de deixar-se iluminar por Deus, como fez Jesus (Lc 9,28s). No entanto, no caminho do crescimento espiritual, que deveria ser sempre ascendente, há desvios, atalhos e atoleiros. Se a gente não se cuida, sai do caminho ou desce “ladeira abaixo”.

É interessante ler a caminhada do Povo de Deus no deserto, no livro do Deuteronômio e as recomendações ali apresentadas (Dt 8 – 11). *As tentações* são descritas, sobretudo, como situações desafiadoras,

que provam e fazem amadurecer a fidelidade a Javé. Os desafios fazem o povo tomar consciência *do que havia no seu coração* (Dt 8,2), a reavivar a memória libertadora, a renovar aliança com Deus. Por meio das tentações no deserto, Deus educa seu povo: *Durante quarenta anos, teu manto não se desgastou, nem teu pé inchou e, quando refletes, reconheces que o Senhor teu Deus, te educava como alguém educa seu filho* (Dt 8,4s). Portanto, as tentações de qualquer gênero têm uma face positiva: são oportunidades de crescimento, desafios a serem vencidos, erros que fazem parte da aprendizagem, estágios em vista do crescimento na fé. Mas, o autor do Deuteronômio alerta ao seu povo: Deus coloca diante dele a possibilidade da bênção ou da maldição, dependendo das opções que fizerem. A face obscura da tentação consiste no risco de desviar o ser humano do caminho do Bem. Se a pessoa deixa os desejos e tendências desordenadas tomarem conta dela (Tg 1,13-17), vai se embrutecendo, afastando-se da sintonia com o Senhor. E logo arrumará justificativas para suas atitudes e atos equivocados.

Nos evangelhos sinóticos, logo após o batismo, Jesus se prepara para a missão, passando quarenta dias e quarenta noites no deserto, onde é tentado por Satanás. Em Marcos, o Espírito impele Jesus ao deserto, onde ele vive com as feras e é servido por anjos (Mc 1,12s). Segundo alguns autores, não se trata aqui de bichos selvagens, mas das “feras interiores”, com as quais Jesus teve que conhecer, conviver e “domar”, durante toda sua missão. Os anjos significam a presença de Deus, que fortalece Jesus na tentação. Em Lucas, Jesus é tentado pelo diabo (diábolos: aquele que

divide, ao contrário do símbolo, que unifica). Ele revive as tentações do Povo de Deus no deserto, e sai vencedor (Lc 4,1-13). E a tentação derradeira acontece no monte das Oliveiras, ao final de sua missão. Jesus tem consciência que o caminho traçado certamente lhe levará à morte. Mas tem medo, é tentado pelo desejo de voltar atrás e abandonar tudo. Vive outro momento duríssimo de luta interior, a ponto de suar sangue. Então, coloca-se em oração e alerta os discípulos: *rezem para não caírem em poder da tentação*. Novamente, Jesus sai vencedor na tentação, unificado interiormente (Lc 22,39-45).

Quanto maior é o poder, maiores as possibilidades de fazer o bem, e maiores os riscos de desvirtuar-se. Por que? O poder é umas das manifestações mais cruas e ambíguas do ser humano. E o fato de ser religioso(a) não livra ninguém desta ambigüidade. O poder fascina e muitos correm ávidos em busca dele. Facilmente o poder escraviza o ser humano, “sobe à sua cabeça”, deixando-lhe o coração vazio. Quando se incorpora à pessoa, no seu lado sombrio, o poder ajuda a desenvolver muitos defeitos e fragilidades. Estimula o crescimento das tendências mais obscuras, como a perversidade, a mentira, a violência e a injustiça. De certa forma, o poder é uma lupa que faz aumentar as tendências que estavam guardadas no porão do coração e da mente. Mas o seu reverso também é verdadeiro: a pessoa tem uma grande oportunidade de crescer pessoalmente e conduzir processos em vista do bem. Desde que não se esconda atrás do cargo, que não faça do poder a muleta para esconder suas fragilidades. A grande parte das pessoas autoritárias, “poderosas” e prepoten-

tes são, na realidade, inseguras, frágeis e carentes. Assemelham-se ao lobo de Gubbio, que São Francisco resgatou.

Quando alguém começa a exercer o poder numa instituição, seja ela empresarial, política ou religiosa, está sujeito a muitas tentações. Elas são proporcionais ao grau de formalidade, riqueza e complexidade da organização. Ou seja, quanto maior, mais rica, hierarquizada e portadora de prestígio for uma instituição, maior também será a força de sedução que ela exerce sobre as pessoas. Por isso, se você conhece essas tentações, pode lidar melhor com elas e fazer disto uma oportunidade de aprendizado e crescimento.

## Da onipotência à gestão cooperativa

A primeira tentação do poder consiste na onipotência. O gestor(a) pensa que pode tudo; quer estar presente em todos os acontecimentos, controlar os processos e as pessoas, e resolver imediatamente todos os problemas que se apresentam. Acha-se insubstituível e imprescindível. No entanto, a realidade se mostra mais dura e resistente do que ele(a) pensa à primeira vista. É saudável que alguém, ao assumir a gestão e o pastoreio de uma instituição, conheça seu potencial e seus limites, e tenha idéias inovadoras. Mas ele(a) perceberá logo, se tiver bom senso, que a velocidade das mudanças não acompanha a rapidez de seu desejo. Processos de inovação em profundidade exigem estratégias complexas, que engajem o maior número possível de pessoas, e um tempo para maturação, experimentação e avaliação. Não basta mandar, para que os outros obedeçam. Não basta querer hoje, para que os resultados venham amanhã.

A pessoa, tomada pela onipotência, vai se considerando o “todo-poderoso”. Querendo resolver tudo o que se lhe apresenta aos olhos, permanece com a mente acesa e agitada, cheia de preocupações e povoada de pensamentos turbulentos, de dia e de noite, acordado ou durante o sono. O onipotente é um eterno ansioso e infeliz, a pobre criatura que tem a ilusão de carregar nos seus ombros o peso do mundo. Aqui reside a tentação original, descrita miticamente na narração do Gênesis e colocada na boca da serpente astuta: *sereis como deuses* (Gn 3,4).

A realidade das pessoas, dos grupos e das organizações não é como o sujeito onipotente imagina. Por isso, ele passa por momentos de *impotência* e *estados depressivos*, diante do fracasso ou de sua possibilidade real. Mas, tenta esconder sua fraqueza, revestindo-se de uma couraça de dissimulação e autoritarismo.

O cristão, que exerce o poder, deve aprender a lidar com sua tendência à onipotência. É uma aprendizagem exigente, com conquistas cotidianas. Em primeiro lugar, ele(a) desenvolve a capacidade de reconhecer serenamente até quando e em que condições sua ação interfere nos processos e nas pessoas. Aceita com humildade que não pode realizar tudo o que devia ou desejava. Acolhe a limitação do tempo, do espaço, de si mesmo e dos outros. Isso lhe dá serenidade e paz interior, diante dos desafios que tem pela frente. O povo da roça, sabiamente, ensina que é preciso esperar, entre o tempo do plantio e da colheita. É necessário também regar e cuidar, até colher no momento certo.

Para vencer a tentação da onipotência, é necessário introduzir e desenvolver uma

*gestão cooperativa* na instituição. Isso significa concretamente, em relação aos que trabalham no “time” dos gestores, formar sua equipe, acompanhá-la e confiar nela, delegar responsabilidades e dividir tarefas. Em relação a todos os funcionários (colaboradores) da instituição, é necessário socializar as informações necessárias para as pessoas compreenderem a organização e se compreenderem nela. E também criar uma cultura do “empoderamento”, na qual cada pessoa se torna responsável pela sua área de atuação e efetivamente age de forma autônoma e interdependente.

Gestão cooperativa não significa ausência de autoridade. O gestor tem seu lugar reconhecido e deve se ocupar das questões vitais da instituição, aquelas de caráter mais estratégico e menos operacional. Ele(a) é o primeiro responsável pelo direcionamento da organização.

Do ponto de vista espiritual, aprende-se a lidar com a onipotência, reverenciando a Deus, explicitamente e no coração, como o único Senhor. A pessoa faz o exercício de proclamar que Dele vem todo o poder e para Ele deve voltar. Sintoniza com Jesus, que venceu a tentação do messianismo de conquista e de dominação (Lc 4,8). Jesus se nega a adorar ao tentador e não entra em sua lógica perversa. Antes, lembra o mandamento da Escritura: “Adorarás ao Senhor, teu Deus, e só a ele prestarás culto”. O gestor, diante dos sucessos ou dos fracassos, afirma, na oração, a cada dia, que Deus é o Senhor da História do mundo, da história da instituição, da história de cada um.

Os Fundadores, homens e mulheres ouvidas e com incomparável espírito de iniciativa, cultivavam uma grande confiança em Deus. Acreditavam que *se o Senhor não*

*edificar a casa, seus construtores trabalham em vão* (Sl 127,1). Alguns, devotos de Maria, reconheciam que *Ela tudo realizou entre nós*. Em momentos de crise, incompreensão e perseguição, ajoelhavam-se diante de Deus e pediam humildemente a ajuda divina.

A segunda tentação, que cresce junto com a anterior, é a auto-suficiência. A pessoa que exerce o poder, de forma egóica, sente que se basta a si mesma. Pensa que aquilo que realiza é fruto do seu esforço pessoal e de sua competência. Portanto, parece-lhe que seria fraqueza precisar dos outros. Soa-lhe como insensato reconhecer que errou em determinada situação. Assim, o poder se reveste de arrogância e de rigidez crescentes. O gestor/pastor não se avalia, nem aceita observações dos outros. Tem medo de todos aqueles que questionam seu poder. E, quando possível, procura eliminá-los.

A pessoa lida com a auto-suficiência, desmontando-a pela fé. Exercita a fé, cada dia, entregando-se pessoalmente nas mãos de Deus. Confia-lhe seus projetos e se deixa questionar, para saber se conduzem à "maior glória de Deus". Na relação com os membros de sua equipe de trabalho, deixa-se ajudar, avalia-se e se deixa avaliar pelos outros. Reconhece seus erros e pede perdão. Cria mecanismos de consulta e participação e os dissemina na instituição. Assim, cultiva para si e para os outros a *autonomia com interdependência*.

### **Da vaidade ao "vigiar e orar"**

A terceira tentação, muito próxima à auto-suficiência, consiste no orgulho e na vaidade. A pessoa alimenta dentro de si a ilusão de que é *o melhor*. Diante de cada

realização positiva, estufa o peito e se enche de vanglória. Normalmente, ele(a) busca auxiliares bajuladores, que reforçam sua vaidade. Lentamente, o personalismo leva ao "culto da autoridade", a uma supervalorização das qualidades do chefe. O gestor mesmo vende a imagem de ter todas as soluções, conhecer todos os processos e ser infalível. Os bajuladores, colocados no "segundo escalão" da instituição, cumprem bem a função de criar a imagem idealizada e falsa do "superchefe". Eles também são co-responsáveis em espalhar um medo infantil em todos. Assim, em todos os níveis hierárquicos, os funcionários (ou colaboradores, ou parceiros) já não agem movidos pelo desejo de realizar a missão da organização, mas por aquilo que agrada ao chefe. Cultiva-se então *o reino da aparência*. Os projetos e as atividades são realizados para receber a aprovação da autoridade, não pelo bem que desencadeiam. As pessoas "fazem de conta" que estão cumprindo as determinações das chefias, mas dão o mínimo de si, pois não acreditam muito no que fazem. Permanecem na instituição porque necessitam do emprego.

Há religiosos(as) bem intencionados, atuando à frente das organizações, que são tímidos ou inseguros. Logo estas pessoas passam a ser assediadas por bajuladores que, conhecendo seus pontos fracos, estabelecem com elas relações doentias. Os bajuladores alimentam o ego do(a) gestor(a), trazem-lhe presentes e multiplicam-lhe os elogios. Descobrem o jeito para estimular sua vaidade. Em troca, têm carta branca para exercer efetivamente o poder no cotidiano da organização. Como são muito espartos, assimilam logo o discurso da instituição e representam muito bem o papel

que lhes cabe. Assim, podem até citar frases dos fundadores e se emocionar nas celebrações. São pessoas perigosas, que desenvolvem a dupla personalidade. Diante do religioso(a), que só aparentemente exerce o poder, são serviçais e disponíveis. Diante dos seus subordinados, mostram-se déspotas e intolerantes.

As instituições religiosas em geral, inclusive as não-cristãs, estão sujeitas à manipulação do sagrado, em favor das pessoas que o representam. Este mal pode atingir a qualquer um, como pastores evangélicos, padres e bispos, pais e mães-de-santo, gurus, dadas e lamas, monges e monjas, sacerdotes e pajés de qualquer religião. Uma autoridade revestida com o manto sagrado inspira, por si só, reverência e temor. Aí está o núcleo da tentação do poder religioso, narrado por Lc 4,9-12 de uma forma plástica: ir até o alto do templo, atirar-se de lá, ser aparado pelos anjos à vista de todos e então ganhar reconhecimento e admiração.

A tentação da vaidade entra no coração do gestor/pastor de forma imperceptível. A pessoa vai se esquecendo que assumiu determinada função para servir a Deus e a seu Reino. Começa a se mover pela busca de prestígio, de aprovação e de reconhecimento social. Entra numa espiral interminável, pois a sede de poder não tem fim. Cada realização desencadeia o desejo de fazer algo maior, rompendo os limites anteriores. Daí que a vaidade e o orgulho sem controle geram pessoas com mania de grandeza, os megalomaniacos.

É comum encontrar nas instituições religiosas os gestores com a "síndrome dos tijolos", pessoas que por onde passam têm que fazer construções e reformas. Às vezes

se empenham em projetos cuja relação de custo-benefício é muito questionável. Mas assim mesmo dizem, com orgulho: *Vejam, que beleza! Fui eu que fiz*. Tomam sobre si, equivocadamente, o título de "empresendedores". Adoram afixar placas com o seu nome. Muitas vezes constroem "elefantes brancos" para os outros tomarem conta, e amargarem, na sua planilha de custo, uma alta taxa de depreciação.

Há ainda um fator cultural complicado. Trata-se de interpretações anacrônicas e arraigadas sobre o voto de obediência, que justificam atos autoritários nos gestores, e sua contrapartida nos "subalternos": a covardia, o medo, a indiferença, a omissão e o consentimento. Esta falsa prática da obediência oprime as pessoas e se mostra contraprodutiva para a instituição. Por exemplo, como uma escola vai oferecer uma educação de qualidade e fidelizar sua clientela, se seu corpo diretivo, pedagógico e administrativo está povoado de pessoas mediócras, acostumadas a "obedecer sem se comprometer?" Quando muito, as pessoas cumprem tarefas. Utilizam o mínimo de sua capacidade de imaginação e criatividade. Desta forma, ajudarão pouco as crianças e adolescentes a realizarem uma aprendizagem significativa, o que exige hoje muita sensibilidade, imaginação, criatividade e risco.

Se na instituição as pessoas não têm espaço para falar e manifestar seu dissenso, em busca das melhores soluções, os comentários improdutivos aparecerão por meio de fofocas e da "rádio peão". Quando a palavra não flui de uma maneira madura e responsável, sai pelos cantos, fazendo muitos estragos.

Hoje, o grande diferencial das organiza-

ções que estão em destaque, num mercado de alta competitividade e num cenário dinâmico, reside em desenvolver habilidades de pessoas com perfil proativo, inovador e co-responsável. E superar as velhas estruturas com excesso de burocracia, muitas chefias e graus de hierarquia. Nesta linha, tanto as relações quanto as estruturas das instituições necessitam ser mais leves, ágeis e horizontalizadas.

As organizações de religiosos(as) têm uma característica muito parecida com as empresas familiares. Em ambos os casos, um grupo relativamente numeroso se considera "dono do negócio". Ora, é importante que os membros de uma família ou de uma província religiosa se sintam responsáveis pela manutenção do patrimônio humano e material que herdaram das gerações passadas. O problema se dá quando pessoas sem condições psicológicas ou profissionais assumem cargos diretivos, concentrando muito poder, simplesmente porque são "membros da família". No caso das congregações religiosas, há situações espínticas, na qual o(a) provincial não sabe o que fazer com pessoas que já exerceram a direção de obras de forma equivocada, causando muitos transtornos, e continuam insistindo na pretensão de ocupar outros cargos de poder.

Lidar com o orgulho e a vaidade pessoal é tocar no porão escuro da interioridade de cada um. Neste ponto em especial, é necessário vigiar e orar, sempre e muitas vezes. Vigiar significa estar atento, com a consciência desperta, estabelecendo contato com a sua interioridade, avaliando suas atitudes e ações. E orar? É sintomático que os gestores, à medida que vão assumindo cargos mais importantes e funções mais

complexas, não encontram tempo para a oração pessoal e espontânea. As reuniões e os inúmeros compromissos tomam conta de sua vida, pois a pessoa se identifica com seu cargo. A agenda está sempre cheia, não há espaço para colocar-se gratuitamente diante de si, nem diante de Deus. É verdade que o tempo *cronológico*, aquele regido pelo relógio, parece escasso, para tantas demandas. Mas é neste momento que a pessoa deve fazer gestos de desapego em relação ao poder, dedicando um tempo *kairológico* para a oração de discernimento, de ação de graças, de súplica, ou simplesmente para estar diante de Deus, desnudado dos cargos e funções.

Do ponto de vista relacional, é muito importante que o gestor(a)/pastor(a) exerça o reconhecimento e a gratidão em relação às pessoas que trabalham com ele(a). É a forma mais concreta e elementar de dividir os louros do sucesso e o peso dos fracassos. Também é saudável acolher com alegria e contentamento as manifestações de carinho dos seus parceiros e colaboradores. É necessário ainda romper com o esquema de bajulação à autoridade, que faz mal a todos.

Jesus enfrentou a tentação do orgulho e da vaidade, alimentando a consciência de que o Reino e o Pai eram maiores do que ele. Enquanto messias, assumiu-se como servo e filho. Não se iludiu com o clamor das multidões, que queriam fazê-lo rei. Retirava-se para a montanha (Jo 6,15) e se dedicava à oração, visando purificar constantemente suas motivações e discernir a vontade do Pai (Lc 6,12). Maria também inspira os cristãos, para vencer a vaidade e o orgulho. Ela alerta que Deus depõe os poderosos de seus tronos e dis-

persa as pessoas de coração orgulhoso (Lc 1,51s). Ensina a humildade, que não é aniquilamento de si, mas amor à verdade, à luz de Deus. Assim, ela reconhece, sem falsa modéstia, que é uma pessoa especialmente agraciada, que será lembrada por todas as gerações. Mas nada retém para si e proclama a prioridade da Graça de Deus. Neste espírito, os gestores podem dizer, como ela: "O Senhor faz em nós maravilhas, Santo é seu nome" (Lc 1,49).

### **Da idolatria ao "ser aprendiz"**

Se a pessoa cede às tentações do poder, manifestadas na onipotência, auto-suficiência, vaidade e orgulho, facilmente perde os limites éticos. Parece evidente que a eficácia e o sucesso da instituição, que ele(a) representa, devem ser conseguidos a qualquer preço. Então, ele relativiza o certo e o errado, pois os fins acabam justificando os meios. Mentira, propina, jogo de influências com políticos corruptos e outras estratégias se transformam em recursos "aceitáveis" para defender a "santa" finalidade da Instituição. E as justificativas aparecem logo: *Afinal, todo mundo faz assim. Ao menos, estou agindo para uma boa causa.*

Outro caso, muito comum, é usar da autoridade para defender interesses pessoais. As sociedades filhas do colonialismo padecem sob o problema crônico do *favoritismo*, que está espalhado em todos os tipos de instituição: ongs, partidos políticos, poder público, empresas, igrejas e religiões. Nas organizações, as pessoas que estão no poder atraem para perto de si, nos cargos estratégicos, seus amigos pessoais. Estabelece-se então uma relação de troca de favores. O corpo gerencial e técnico não

é escolhido devido à sua aptidão, mas pela sua fidelidade pessoal ao gestor(a). Ora, quando há alternância de poder, a situação se torna muito difícil, pois o novo governo não encontra pessoas habituadas a conduzir processos de uma forma profissional, mas sim a servir (e ser servido) pelo chefe que se foi. Então, o desgaste e as demissões são inevitáveis, se o novo governo quer realizar mudanças em profundidade na organização.

Interessante notar que a primeira tentativa de Jesus, narrada em Lucas 4,3s, diz respeito ao uso interesseiro do poder: transformar pedras em pão! A pessoa precisa ser convicta e estar cheia de Deus para não ceder às pressões dos amigos, dos familiares e do grupo. Os próprios discípulos de Jesus, depois de três anos com ele, alimentavam rivalidade e competição, para saber quem estaria mais perto dele na hora que o Reino de Deus triunfasse neste mundo (Lc 22,24). Tiago e João lhe pedem explicitamente para assentar na sua glória, à direita e a esquerda de seu trono (Mc 10,35-37), causando indignação entre os outros discípulos. A resposta de Jesus: *quem quiser ser grande, seja o que mais serve* (Mc 10,43s). Se isso aconteceu com quem viveu tanto tempo pertinho de Jesus, não é de se estranhar que se passe também hoje.

A pessoa lida com a tentação da perda de limites éticos cultivando um coração bondoso e íntegro. Desenvolve a esperteza da serpente, sem deixar a simplicidade das pombas (Mt 10,16). À medida que entra no difícil jogo político de negociações, o gestor/pastor perde muito de sua ingenuidade. Ele(a) aprende que, em processos de negociação com fornecedores, clientes ou funcionários, não pode dizer tudo o que

pensa, sabe ou deseja. Descobre qual é o momento mais oportuno para falar e qual é o melhor para perguntar, ou mesmo ficar calado. Percebe que em determinadas situações é necessário ser firme, manter decisões e enfrentar oposição. Em outras, é preciso ceder, dar um passo atrás, para avançar depois. Isso se chama *flexibilidade*. Uma consciência atenta e guiada pelo Espírito intuitivo até onde pode negociar ou não, e que meios são coerentes com o fim que deseja alcançar. Constantemente o líder tem nos lábios e no coração a súplica: *cria em mim um coração puro, ó Deus, enraíza em mim um espírito novo* (Sl 51,12).

A tentação mais sutil do poder é a *idolatria*. Na verdade, ela é a expressão religiosa radical das outras tentações. Aparece de forma tão dissimulada, que somente as pessoas evoluídas espiritualmente conseguem captá-la, em si e nos outros. Em vez de servir a Deus, a pessoa e as estruturas passam a servir a si próprias, usando o nome de Deus. Assim aconteceu com uma parte significativa do judaísmo no tempo de Jesus. Aqueles que pareciam os mais religiosos, estavam distantes do coração de Deus. Jesus, evocando o profeta Isaías, lhes diz: *Esse povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim. De nada adianta o culto que me prestam, pois as doutrinas que ensinam são preceitos humanos* (Mc 7,6s).

A busca de êxito sem limites, por parte da organização ou dos seus representantes, leva a adotar os critérios mundanos da sociedade vigente. Assim, prestígio, nome, luxo, ostentação, competição desenfreada e "tirar vantagem em tudo" passam a reger os atos cotidianos. Em contrapartida, para dar a impressão que estão do lado de Deus,

as pessoas se apegam a preceitos canônicos, normas litúrgicas, práticas devocionais e alguns preceitos morais rígidos. A Teologia da Libertação forjou uma expressão muito lúcida: "o grande problema da América Latina não está no ateísmo, mas na idolatria". Ou seja, raramente se nega que Deus exista, mas usa-se o nome do Senhor para combater o projeto de Nova Sociedade, anunciado e inaugurado por Jesus, com o Reino de Deus.

Há um texto muito belo no livro de Josué. Narra que quando o povo entra na Terra Prometida, depois de longos e penosos anos de caminhada e purificação no deserto, seu líder, o seguidor de Moisés, lhe propõe a aliança de Siquém. Relembra-lhe o caminho percorrido, as renúncias, a ação misericordiosa de Deus, e o risco de recair na idolatria. Por fim, pergunta: *A quem vocês querem servir? Eu e minha família, nós serviremos ao Senhor! E o povo responde: Nós também serviremos ao Senhor nosso Deus e obedeceremos à sua voz* (Jos 24,1-24). Eis o núcleo do exame de consciência de uma equipe de gestão: a que Deus estamos efetivamente servindo? E como estamos servindo-o?

Hoje, por diferentes caminhos, a expressão "comunidade aprendente" está se disseminando nas escolas e nas empresas. Cresce a convicção de que somente se colocando como discípulos da vida, dos processos e das pessoas, pode-se avançar nas organizações. Certezas congeladas levam à morte lenta. Em meio a uma sociedade cambiante, que parece flutuar sem referências seguras, afirma-se que valores compartilhados são a base da aprendizagem e da identidade da instituição. Não se trata somente de expressá-los no "quadro da missão e dos

princípios”, mas traduzi-los nas relações, nas opções estratégicas, nas políticas e ações coletivas que manifestem sua responsabilidade sócio-ambiental. A experiência de ser discípulos e seguidores de Jesus capacita os cristãos e suas instituições a mergulhar mais profundamente no mundo dos valores, e a encontrar formas originais e flexíveis de traduzi-los em atitudes e ações. Assim, estarão servindo ao Deus da Vida, e não aos ídolos.

### **Do desencanto à perseverança**

Aconteceu nos últimos anos um fenômeno muito interessante. Em vários institutos e províncias, a tarefa de animação e governo está nas mãos de religiosos(as) que até então não eram envolvidos com obras formais, nem tomaram parte nas esferas de poder. Muitas destas pessoas estiveram anos a fio em comunidades de inserção ou em presenças missionárias. Participaram na CRB local e regional, enquanto “base” da Vida Religiosa. Então, são convocados a uma nova missão, entrando num mundo que lhes parece estranho. Aceitam-na com “temor e tremor”. Carregam no peito um grande desejo de refundar a Vida Religiosa, de reavivar a chama do carisma no seu Instituto. Têm mais liberdade para inovar, pois vêm “da periferia do sistema” e já experimentaram um sonho possível.

À medida que introduzem processos de renovação, sentem a acolhida e a alegria de muitos e a oposição de outros. Sofrem a resistência ativa e passiva dos leigos(as) e religiosos(as) que não querem mudanças. Enfrentam incompreensão de muitos. Passam a conhecer mais de perto as fragilidades de seus co-irmãos(ãs). Decepcionam-se com aqueles que se tornam seus inimigos

gratuitos, simplesmente porque ele(a) está numa esfera diferente, a da autoridade. As dificuldades aumentam ainda mais quando, após um longo e sofrido discernimento comunitário, devem fechar obras ou comunidades que são “peso morto” e já perderam o vigor.

Então, vem um grande medo. É um momento de crise, no qual a pessoa padece com o peso da sua missão. Embora exercite o poder compartilhado com o seu conselho provincial, ele(a) é o responsável último por decisões vitais. Prova, desta maneira, como o poder é solitário. Em muitos casos, mesmo depois de consultar, ouvir, rezar, refletir, não tem certeza absoluta do que é melhor fazer. Mas precisa arriscar, para abrir novos caminhos. Não tomar decisão e deixar as coisas com estão é também decidir (e, muitas vezes, é a pior escolha).

Neste contexto, alguns provam o desânimo e o desencantamento. Clamam a Deus, como o profeta Jeremias: *Por que Você me jogou nesta fria* (Cf. Jr 20,7)? O sonho de uma Vida Consagrada alegre, leve, radical e ousada parece cada vez mais distante. E onde estão as pessoas para realizá-lo? Então, é comum que diante de tanta oposição e descontentamento, o(a) provincial e seu conselho vão se acomodando. O mesmo sucede com o(a) gestor de obra social ou de colégio, que acredita numa proposta pedagógica inovadora e quer colocá-la em prática. As resistências às mudanças minam o dinamismo de religiosos(as) e leigos(as). E então, acontece um deslocamento lento de seu papel: de *líder da inovação* passa a *gerenciador de rotinas*. O(a) gestor(a) investe grande parte de suas energias em resolver problemas e manter as estruturas existen-

tes. Vai perdendo a crença que as mudanças são possíveis e necessárias.

Esse momento, no entanto, traz uma grande oportunidade de amadurecimento. A pessoa experimenta o mistério da cruz, de uma forma como não havia imaginado antes. Compreende que, na animação e governo, ela deve conviver com as incertezas e as possibilidades de erro. É o claro-escuro dos processos humanos, no qual ela é convidada a fortalecer sua fé. Como diz o refrão: *Indo e vindo, trevas e luz. Tudo é graça, Deus nos conduz.* Diante da incompreensão, das perseguições, ela acolherá as palavras de Jesus: *os filhos se insurgirão contra seus pais e desejarão sua morte. Vocês serão odiados por causa de meu nome. Mas, quem perseverar até o fim, será salvo* (Mt 10, 21b-22).

Para retomar a crença nas mudanças e vencer a tentação do desânimo, é importante romper o isolamento e olhar para além da sua organização. Isso significa, entre outras coisas, conversar com outras pessoas e instituições, partilhar suas conquistas e dificuldades e descobrir juntos novas alternativas. Para o caso de gestores de instituições complexas, é necessário cercar-se também de consultorias de qualidade, que conhecem o cenário e o mercado, e ajudam a conceber uma estratégia de inovação para a organização. Também a participação em movimentos significativos da sociedade civil reacende os sonhos de um mundo diferente.

## **Autoridade e liderança**

Se você, ao ler este artigo, só pensou até agora nas tentações que atingem os outros, leia-o então de novo, refletindo sobre você. As tentações apontadas até ago-

ra atingem, em diferente intensidade, a todos, independentemente se desempenham cargos de poder ou não. Onipotência, auto-suficiência, orgulho, vaidade, desânimo e desencantamento não estão longe de qualquer coração humano. E também o seu reverso: os sentimentos de impotência, a dependência infantil à autoridade, o medo, a omissão e o consentimento com a iniquidade, para não perder o cômodo lugar adquirido. Somos todos solidários no bem e no mal, na promoção da vida ou na sua negação.

Há certas coisas que dependem de cada pessoa que participa de uma família religiosa, exerça o poder formal ou não. A tentação mais comum dos religiosos(as) é de não se comprometer com os processos, delegando toda a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso das iniciativas ao diretor da obra (nível local), ou ao provincial e seu conselho (nível institucional). Para isso também contribui a visão anacrônica da obediência. Parece que *participação* se limitaria a tomar parte da consulta a Provincial, ou quando muito estar “de corpo presente” no Capítulo ou na Assembléia Provincial. E depois, aguardar o resultado dos acontecimentos. A omissão, um grave defeito, soa como se fosse uma virtude.

Outra tentação é assumir “a priori” uma postura de oposição, crítica e descontentamento. Por vezes, encontram-se uns elementos “azedos”, constantemente insatisfeitos, que realizam o mote: *há governo, sou contra!* Ou os eternos adolescentes, sempre em competição com a figura do pai ou da mãe. Há ainda as pessoas que se promovem, depreciando quem está ao seu redor, seja ela autoridade ou não.

A contribuição de pessoas e grupos or-

ganizados é fundamental para colocar em movimento um círculo vicioso ou virtuoso na organização. No primeiro caso, processos autoritários de liderança estimulam o infantilismo e a falta de compromisso de religiosos(as) e leigos(as). Por sua vez, este descompromisso acaba favorecendo a legitimidade de governos despóticos ou medíocres. No segundo caso, uma gestão cooperativa, que estimula o engajamento de religiosos e leigos, favorece iniciativas responsáveis e ousadas, que poderão ser a base de novos governos.

Embora esta seqüência não seja linear, devido ao jogo político e aos resultados imprevisíveis na escolha do(a) provincial, reconhece-se que a pertença efetiva a uma família religiosa faz, de cada pessoa, parceira e co-responsável pelo seu destino. Ela tem o *direito e o dever* de manifestar sua opinião, propor mudanças e assumir iniciativas originais. Existem vários exemplos de religiosos e de comunidades, no passado e no presente, que abriram caminhos novos de refundação e revitalização do carisma, longe dos cargos de animação e governo, e até sem apoio da autoridade provincial.

Vamos considerar ainda outra possibilidade. Imagine um(a) provincial e seu conselho que querem implementar projetos de mudança na sua província, como comunidades simples e fraternas, presenças proféticas junto aos pobres, obras formais na perspectiva da cidadania, etc. Isso será efetivado se eles encontrarem religiosos e leigos que transformem estes sonhos em realidade. Além disso, certos projetos institucionais só alcançam êxito depois de testados em experiências-piloto, com pessoas idealistas e que ousam arriscar. Um governo sozinho, por mais poderoso que parece,

não realiza nada sozinho. Fará o bem e/ou o mal, com a participação ou, ao menos, o consentimento e a omissão das pessoas. As práticas das CEBs e da Igreja da libertação mostraram que, mesmo numa instituição muito hierarquizada, os processos de mudanças são eficazes, quando convergem iniciativas da base com as da coordenação.

A autoridade que não vem do simples fato de alguém estar ocupando cargos. Liderança, autoridade e exercício do poder não são a mesma coisa. Uma pessoa é líder quando catalisa as iniciativas, consegue mobilizar o grupo e ajuda a transformar sonhos em realidade coletiva. Ela contagia pelo exemplo e pelas palavras. É portadora de valores e de esperanças. Neste sentido, ela tem uma autoridade que vem de dentro, e é respeitada pelos outros, mesmo que não desempenhe tarefas consideradas importantes na instituição. À luz da fé, esta autoridade profética brota do coração de pessoas que se sentem chamadas pelo Senhor a anunciarem a Boa Nova do Reino de Deus e denunciar o que é só aparência. Este exercício de liderança, presente na base (e não somente na cúpula) da Vida Religiosa, é fundamental para realizar o ideal de “família religiosa”, na qual se valoriza a dignidade de cada irmã e irmão. Naturalmente, como experimentou o próprio Jesus, por vezes o profeta não é bem aceito no meio de sua parentela (Mc 6,4). Mas, é preciso abrir caminho, quando a luz e o fogo de Deus ardem no peito e transformam as pessoas em visionários.

## O poder iluminado

Um exemplo que fala por si. Dom Hélder Câmara, o grande profeta dos pobres, o bispo da simplicidade, certa vez foi convi-

dado a dar uma entrevista numa grande rede americana de TV. Contou ele que, ao chegar ao estúdio, foi tomado pela vaidade. Afinal, iria ser visto por uma enorme multidão e ficar mais famoso ainda. Então, começou a perguntar o que faria para não ser invadido por aquele sentimento. Fechou os olhos e começou a rezar. Veio-lhe a mente a cena de Jesus entrando em Jerusalém no domingo de ramos, aclamado pela multidão. Num gesto de profunda humildade, sussurrou em oração: *Senhor,*

*quero ser como o burrinho que te conduziu. Que as pessoas, ao me verem, vejam a ti. E minha alegria consistirá em te levar, como o burrinho! Veio-lhe então uma grande serenidade, e ele falou de justiça e de paz, com ternura e vigor.*

---

Endereço do autor:  
Rua Aimorés 2480, 2º andar – Lurdes  
30140-072 Belo Horizonte – MG  
Fone: (31)3330-9000  
E-mail: amurad@ubee-marista.com.br

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

**Algumas questões para reflexão individual**

- 1- Leia e medite Lc 4,1-13: as tentações de Jesus. O que dizem a você, hoje?
- 2- Qual das tentações apresentadas no texto você já passou? Como está lidando com ela?
- 3- Leia e medite Lc 22,24-32. Peça a Jesus a graça de exercitar sua função de "animação e governo" no espírito que ele propõe.
- 4- Você sente que o exercício do poder está fazendo você ser mais de Deus? O que sinaliza um crescimento espiritual em você, depois que passou a ser gestor(a) e pastor(a)?

**Algumas questões para reflexão em grupo**

- 1- Destaque os pontos do artigo que foram mais iluminadores para você.
- 2- Como o seu fundador(a) lidava com a questão do poder? O que ele aconselhava para os(as) co-Irmãos(ãs)? Como você reinterpreteria hoje esta postura do(a) fundador(a), num contexto sócio-cultural diferente?
- 3- Olhando a realidade de seu Instituto, que desafios você percebe quanto ao uso do poder? Que passos estão sendo dados?

# Hino a Cristo o Verbo de Deus (Jo 1,1-5.10-12.14.16)

LUIS STADELMANN, SJ

## Resumo

O hino a Cristo, o Verbo de Deus, expressa o louvor da comunidade cristã em reconhecimento à forma como Deus se autocomunica através do seu Filho, cujo papel como *Palavra*, enquanto preexistente e encarnado, é transmitir a revelação divina na criação, na história e na comunidade de fé, em confronto com a revelação cosmológica das religiões não-bíblicas.

<sup>1</sup> No princípio era o Verbo,<sup>a</sup>  
e o Verbo estava junto de Deus,  
e o Verbo era Deus.<sup>b</sup>

<sup>2</sup> Ele estava, no princípio, junto de Deus.<sup>c</sup>

<sup>3</sup> Tudo foi feito por ele  
e sem ele nada foi feito de quanto  
existe.<sup>d</sup>

<sup>4</sup> Nele estava a vida  
e a vida era a luz dos homens.<sup>e</sup>

<sup>5</sup> E a luz brilha nas trevas,  
mas as trevas não a receberam.<sup>f</sup>

<sup>10</sup> O Verbo estava no mundo,  
e o mundo foi feito por meio dele,  
mas o mundo não o reconheceu.<sup>g</sup>

<sup>11</sup> Veio para o que era seu,  
porém os seus não o acolheram.<sup>h</sup>

<sup>12</sup> Mas a todos que o acolheram,  
deu-lhes o poder de se tornarem  
filhos de Deus.<sup>i</sup>

<sup>14</sup> E o Verbo se fez carne,<sup>j</sup>  
e habitou entre nós;<sup>k</sup>  
e nós contemplamos a sua glória,<sup>l</sup>  
glória que recebe do Pai como Filho  
unigênito,<sup>m</sup>  
cheio de graça e verdade.<sup>n</sup>

<sup>16</sup> De sua plenitude todos nós recebemos,<sup>o</sup>  
graça sobre graça.<sup>p</sup>

## Estrutura

1-2: I. O Verbo na presença de Deus  
3-5: II. O Verbo na criação  
10-12: III. O Verbo na história  
14.16: IV. O Verbo na comunidade

## Comentário

1-2 *O Verbo na presença de Deus:* A preexistência do Verbo (em grego: *logos*) é definida em relação "ao princípio". O *logos* não é mera idéia da mente criativa de Deus, mas é a expressão da essência divina na forma de uma hipóstase ("pessoa") real através da qual Deus se autocomunica na vida trinitária e na obra da criação bem como na história da humanidade e na comunidade cristã. Ora, a maneira característica da pessoa se expressar é através da "palavra", que

se atualiza no ato da fala e que contém um objeto de comunicação. Distinguímos, porém entre o uso de palavras em seu sentido próprio e outras em seu sentido metafórico. Daí, os termos "Verbo, Logos e Palavra" são usados como sinônimos e em sentido próprio, ao passo que a palavra aramaica *memar* (*memrā*) "palavra" era usada metaforicamente na literatura targúmica para designar Javé, o Deus tutelar de Israel. Javé era tido como nome inefável; por isso, na leitura, os israelitas não pronunciavam YHWH segundo a escrita hebraica, mas seguiam a vocalização masorética correspondente à palavra subentendida: SENHOR (em hebraico: "donay). Outros nomes hebraicos para designar Javé são: *šem* ("Nome") e *šamayim* ("Céus"). São termos com sentido metafórico e não têm conotação sobrenatural, como p. ex. Palavra, Espírito, Sabedoria, etc. A relação entre o Verbo e Deus, na vida trinitária, consiste na união íntima sem ser absorvido, mas sim no sentido de participação da natureza divina, todavia havendo uma distinção real entre a pessoa do Pai e do Filho. Por isso, a locução prepositiva "junto de" (em grego: *pros*) tem sentido dinâmico de comunhão mútua, pois a união entre as pessoas divinas não é uma imanência rígida de Deus, mas é relacionada e participativa na doação em profusão de amor, porque o amor é a essência mais íntima de Deus (1Jo 4,8.16). Esse amor não é mera propriedade qualificativa da divindade, mas é constitutiva da plenitude de vida em Deus como comunidade de vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que consolida esse amor por meio de uma hipótese

real na terceira pessoa da Trindade. A eternidade do Verbo é da essência da divindade e antecede o tempo da criação.

3-5 *O Verbo na criação*, atribuindo-se ao Logos um papel na criação como causa eficiente. A origem do mundo é efeito da palavra criadora de Deus e não de uma matéria preexistente seja como caos seja como somatório de partículas cósmicas. A segunda afirmação sobre a obra da criação é formulada em termos negativos: "Sem ele nada foi feito de quanto existe". Portanto, não se admite a coexistência de dois princípios irreduzíveis, isto é, um dualismo do bem e do mal, da luz e das trevas, da vida e da morte, do espírito e da matéria, mas desde o princípio só existe Deus. Abre-se assim uma visão otimista do mundo, um reconhecimento positivo de toda a realidade existente. Destarte, descobre-se uma referência a Deus na existência de todas as criaturas, donde a possibilidade de remontar das coisas criadas às incriadas até divisar a Deus. O caminho para o encontro com Deus não é, pois, afastamento do mundo ou ruptura, mas é um meio disponível para subir até o Criador. A relação do Verbo com a humanidade é expressa pelo simbolismo da vida e da luz. Trata-se da vida divina que o Pai comunica ao Verbo para ser o princípio vital dos seres humanos na ordem sobrenatural; o Verbo é comparado à luz como imagem da revelação divina, iluminando a mente humana, obnubilada pelas trevas do obscurantismo e das superstições.

10-12 *O Verbo na história* realizando a obra de redenção em prol da humanidade. O alcance da atividade visível e his-

tórica do Verbo encarnado estende-se a todos os seres humanos em âmbito mundial. São eles os destinatários da vida sobrenatural que lhes é conferida pelo Verbo Redentor. Sua obra de elevar os seres humanos ao estado de filhos adotivos de Deus é tão inovadora como a criação da raça humana pelo Criador, pois as origens da vida tanto natural como sobrenatural do homem remontam à intervenção divina. Desde a inserção do Verbo na história, entrando em contato com a situação do homem no mundo, surgiu na humanidade o desafio do acolhimento ou então da resistência ao *querigma*: “o anúncio da mensagem cristã”. Os “seus” mencionados aqui são os conterrâneos de Cristo e seus contemporâneos que não aderiram à fé cristã.

14.16 *O Verbo na comunidade cristã* assume uma existência histórica, participando dos grupos sociais, inicialmente muito pequenos, isto é, a família, o clã, a tribo e, depois, sempre maiores, isto é, a aldeia, o território, o país. Daí, o Verbo que se fez homem tornou-se criatura humana e ao fazer-se carne ficou inserido no tecido social do povo israelita. Ora, o Verbo não entrou na carne, nem dela apenas se revestiu, mas “tornou-se” carne, ressaltando-se o acontecimento histórico da encarnação de um ser hipostasiado. Aí se comprova um fato notável da Bíblia a respeito da função mediadora do Verbo na história da salvação: enquanto no AT Deus promete a salvação por meio do homem, no NT se manifesta de modo eminente o Mediador dessa salvação na pessoa humana-divina do Verbo. Acresce a isto a relação com a comunidade cristã: “ha-

bitando entre nós”, porque Cristo não quis ser um herói solitário, mas o mestre no meio dos seus discípulos. O motivo de os discípulos se tornarem ouvintes da Palavra de Deus não é para satisfazer a curiosidade, mas para familiarizar-se com os desígnios divinos a respeito da comunidade cristã e seu papel de mediação dos dons salvíficos para toda a humanidade. A expressão “estabelecer a tenda” evoca o itinerário de Jesus pelas regiões da Palestina, desde os povoados mais remotos até Jerusalém, a capital religiosa e política do país. No percurso do caminho havia frequentes contatos com discípulos e diversos grupos sociais, aos quais Jesus pregava a mensagem da salvação. Neste contexto situa-se o “seguimento” de Cristo, ao se associarem os ouvintes ao grupo dos discípulos. Esses eram testemunhas oculares dos milagres, prodígios e sinais que comprovam a intervenção de Deus e manifestam a divindade de Filho de Deus, e eram os primeiros seguidores que se tornaram membros da nova Aliança, baseada no amor e na fidelidade de Deus, (em hebraico: *hesed* — *’emet*). A “plenitude” dos bens espirituais está no Verbo Mediador, e nele só, como grandeza pessoal e também como tesouro em suas mãos para ser distribuído aos fiéis. No desempenho de sua função mediadora, o Verbo realiza a mediação de duas maneiras: através do movimento de cima para baixo, que procede do amor de Deus por nós, passando pelo coração humano de Jesus, e através do movimento de baixo para cima, que parte do coração humano de Jesus, o Filho, em direção ao Pai do Céu.

## Oração

Oração de louvor para despertar nosso amor para com Deus, que se autocomunica através da mediação pessoal do Verbo, identificado com Deus, apresentando-se como manifestação da benevolência divina que atua na criação, na história e na comunidade cristã.

## Contexto

Este hino litúrgico foi inserido no *Evangelho de João* à guisa de "Prólogo" de todo o livro. Alguns versículos são acréscimos redacionais a título de amplificação temática e interpolação explicativa. Os v. 6-8 e 15 (a respeito do Batista) são acréscimos posteriores visando especificar o tema do testemunho cristão a exemplo do Precursor de Jesus.

<sup>6</sup> Houve um homem enviado por Deus; seu nome era João.

<sup>7</sup> Ele veio como testemunha, para dar testemunho da luz, para que todos chegassem à fé por meio dele.

<sup>8</sup> Ele não era a luz, mas devia dar testemunho da luz,

<sup>15</sup> João dá testemunho dele e proclama: Era dele que eu dizia: "O que vem depois de mim é mais do que eu, Porque era antes de mim".

O v. 9 esclarece o significado da autocomunicação divina em Cristo, comparando-a com a irradiação da luz sobrenatural que ilumina a vida dos fiéis ao abraçarem a fé cristã:

<sup>9</sup> daquele que era a luz da verdade, que, vindo ao mundo, ilumina todo ser humano.

Os v. 12b e 13 são um comentário editorial sobre o v. 12a por causa da inserção sobre a origem sobrenatural da fé dos fiéis por meio da graça divina e não por transmissão natural da geração de pais cristãos, como se a fé cristã fosse um legado dos pais aos filhos.

Os v. 17-18 explicitam a bondade de Deus para com a comunidade dos fiéis, manifestada pela Aliança divina, estabelecida no Sinai por Moisés no AT, e ratificada no NT por Jesus Cristo. Sua vida histórica assume valor determinante porque nela se descobre a verdade sobre a natureza de Deus e seus desígnios a respeito da humanidade. A verdade que Jesus Cristo nos transmite identifica-se com a palavra de Deus, com o evangelho e a revelação divina no contexto da religião cristã.

<sup>17</sup> Pois por meio de Moisés foi dada a Lei, mas a graça e a verdade se revelaram em Jesus Cristo.

<sup>18</sup> A Deus ninguém jamais viu; mas o unigênito de Deus, que está na intimidade do Pai, ele no-lo deu a conhecer.

Após o hino ao *Logos* segue a narração do testemunho de João Batista a respeito de Cristo como Messias, que está presente entre os judeus da Palestina e que eles não conhecem.

Contexto mais amplo deste hino cristológico é a Celebração Litúrgica da

comunidade cristã que rende sua homenagem de louvor a Jesus Cristo. Sua presença no mundo é atuante na revelação divina através da proclamação da Palavra de Deus, na partilha do Pão Eucarístico entre os discípulos, na intercessão em favor dos fiéis, reunidos em oração, e na mediação da graça que aperfeiçoa a comunhão pessoal com Deus. Com efeito, no Cristo sacramental encontramos a continuidade histórica do Verbo de Deus encarnado e temos acesso ao poder divino, que depois da ressurreição à glória celeste ele põe ao alcance de toda a humanidade.

A encarnação do Verbo de Deus é o começo de uma nova presença de Deus que desde então nos põe diante da opção pes-

soal de entrar em diálogo com ele ou de excluí-lo, pois ele assumiu nossa existência para fazer-nos entrar na comunhão plena do Deus vivo.

## Bibliografia

RAYMOND E. BROWN, *The Gospel according to John*, vol. I-II, (29-29ª The Anchor Bible), Garden City, NY, Doubleday & Co, 1978.

RUDOLF SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, vol. I-IV. Freiburg-Basel-Wien, Herder, 1967 / 1984.

JUAN MATEOS – JUAN BARRETO, *O Evangelho de São João*, [Trd. A. Costa], (Coleção: Grande Comentário Bíblico), São Paulo, Ed.

<sup>1</sup> “Verbo” (termo derivado do latim que significa “palavra”, em grego: *logos*) é tomado não em sentido gramatical, como predicado da frase, mas translato, isto é, com outra significação, porque designa uma hipóstase real, diferenciando-se fundamentalmente tanto da hipóstase poética como da hipóstase funcional; “junto de” (em grego: *pros*), tem sentido dinâmico de “comunhão mútua”; “era...estava” o tempo passado dos verbos indica a preexistência do Verbo como ser eterno e divino; “princípio” refere-se ao modo qualitativo e não temporal da existência.

<sup>4</sup> “Vida” significa “vida divina”; “luz” designa a revelação divina, em oposição às “trevas” do paganismo.

<sup>10</sup> “Mundo” é o âmbito da convivência humana e, por extensão, denota a dimensão existencial da “humanidade”, às vezes designando uma maioria de gente hostil a uma minoria de fiéis a Deus.

<sup>12</sup> “Filhos de Deus” designa o estado sobrenatural dos seres humanos.

<sup>14</sup> “Se fez carne” significa encarnar-se assumindo a existência humana, em determinado período histórico e relacionado com o povo do lugar; “habitou”, lit. “estabeleceu sua tenda”, em sentido de morada transitória de quem leva uma vida itinerante; “entre nós” refere-se à comunidade dos fiéis; “glória” de Cristo é o reflexo do poder de Deus, que se manifesta através dos milagres, e do esplendor de sua natureza divina que se irradia na transfiguração; “graça e verdade” são termos característicos usados na Bíblia para especificar a relação entre Deus e os seres humanos em termos de Aliança divina, baseada no amor e na fidelidade de Deus, (em hebraico: *hesed* — *emet*); quanto ao termo “verdade” não se trata do sentido gnosiológico, mas soteriológico; “Unigênito” tem referência à filiação eterna do Verbo por ser a segunda pessoa da Trindade.

<sup>16</sup> “Plenitude” refere-se à riqueza de bens espirituais à disposição de Cristo; “graça sobre graça” evoca a variedade e abundância de dons divinos que os fiéis são capazes de acolher de maneira incoativa e cumulativa durante a vida terrena.

a Sb 7,22ss; Ecl 24,1ss; 1Jo 1,1; Hb 1,3. b Ap 19,13. c Jo 17,5. d 1Cor 8,6; Cl 1,16s. e Jo 8,12. f Jo 3,19. g Jo 14,17. h Jo 5,43. i Gl 3,26. j 1Jo 4,2,15; Gl 4,4; 1Tm 3,16. k Is 7,14. l Lc 9,32; Jo 1,1s; 2Pd1,16s. m Mt 3,17. n Ex 34,6s. o Cl 2,9; Jo 3,14; Cl 1,19. p Ef 2,7.

Paulinas, 1989, (original espanhol 1982), esp. "Prólogo", p. 27-70.

JOHAN KONINGS, *Evangelho Segundo João: amor e fidelidade*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2000.

CNBB, *Uma Igreja que acredita: Evangelho Segundo João*. São Paulo, Ed. Loyola, 1999.

JOSÉ LUÍS SICRE, *O quadrante: O Quarto Evangelho*. [Trd. C.M. Vazquez], São Paulo, Ed. Paulinas, 2000, (original espanhol 1999), esp. "O hino inicial", p. 61-78.

ROGER HAIGHT, *Jesus, símbolo de Deus*. [Trd. J.P. dos Santos], São Paulo, Ed. Paulinas, 2003, (original inglês 1999), esp. "Jesus Cristo como Logos de Deus", p. 208-213; "Jesus e Deus", p. 300-305; "Interpretando Nicéia e Calcedônia", p. 319-346; "A Cristologia do Logos", p. 495-510; "A Trindade", p. 535-561.

---

Endereço do autor:

Cx. Postal 135

88010-970 Florianópolis - SC

E-mails: peluis@colegiocatarinense.g12.br

lstadelmann@yahoo.com

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1- Que aspectos do "Hino a Cristo, o Verbo de Deus", chamaram mais a sua atenção?
- 2- Esse hino, rezado e partilhado em comunidade, pode ajudar religiosas e religiosos a re-alimentar sua experiência de fé e de seguimento de Jesus? Em que aspectos principalmente?

**“O hino a Cristo, o Verbo de Deus,  
expressa o louvor da comunidade cristã  
em reconhecimento à forma como Deus  
se autocomunica através do seu Filho...”**

# Índice alfabético por autor

## Convergência, Ano de 2004

Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 2004.  
O primeiro algarismo representa o número da revista. O segundo indica a página.

AGOSTINI, Nilo, OFM – Ecologia e Vida Consagrada: por um testemunho ético-profético .....	373/271
ANJOS, Márcio Fabri dos, CSsR – Breves notas sobre a ‘nova masculinidade’ .....	375/406
BARREIRO, Álvaro, SJ – Buscar a Deus e encontrar-se em Deus. Como orar no mundo de hoje .....	376/501
BINGEMER, Maria Clara Lucchetti – Crer depois do 11 de setembro. Atualidade da violência nas três religiões monoteístas .....	371/163
BRIGHENTI, Agenor – Testemunhas da Comunhão na Igreja e na Sociedade .....	376/459
COMBLIN, José – Os interrogantes da Vida Religiosa no Século XXI .....	370/76
FARIA, Jacir de Freitas, OFM – Elementos essenciais da Vocação na Bíblia .....	376/469
JOSAPHAT, Carlos, OP – Presença e resistência proféticas a um mundo globalizado e excludente .....	374/340
JUNGUES, José Roque, SJ – Medicina alternativa versus medicina convencional: balanço de um confronto crítico .....	375/428
JÚNIOR, Francisco de Aquino – “...e disso somos testemunhas”, nesta “terra de Santa Cruz”! .....	375/414
KLEINHANS, Miguel, OFM – A Formação em seu conjunto .....	372/248
KÖNIGSTEIN, Martin, Ss.Cc. – Provocação dos místicos modernos à Vida religiosa hoje. Uma tentativa de encontrar na mística de olhos abertos de Madeleine Delbrêl – sementes para revitalizar a atenção e o desejo .....	377/539

KONINGS, Johan, SJ – Liturgia e Bíblia na formação para a vida religiosa .....	369/61
LEERS, Bernardino – Testemunhar o Evangelho com o povo rural.....	371/140
LENZ, Martinho, SJ – Vida Religiosa e Compromisso Social .....	376/488
LESTIENNE, Bernardo, SJ – Além de Mumbai, Índia, o Fórum traz a esperança .....	371/152
LIBANIO, J. B., SJ – Campanha da Fraternidade – Água: fonte de vida .....	369/16
LIMA, Marcos de, SDB – Jesus é a nossa paz .....	369/29
MACCISE, Camilo, OCD – A violência na Igreja .....	370/121
MACCISE, Camilo, OCD – Repensar a teologia da vida religiosa a partir do gênero. Desafios para a vida religiosa .....	378/608
MELLO, Vicente de, CSsR; PARRON, Joaquim M., CSsR e MIGUELI, Ivana, Palotina – Ética na administração de situações conflitivas .....	377/564
MOREIRA, Gilvander – As CEBs estão vivas e atuantes. E a vida religiosa? .....	377/524
MOREIRA, Gilvander Luis Moreira, O. Carm. – Mística evangélica do compromisso com os pobres .....	369/48
MOSER, Antônio, OFM – VR: onde se encontra o protagonismo histórico? .....	375/394
MURAD, Afonso – O fascínio do Poder. Tentações e oportunidades no caminho espiritual. ....	378/615
OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro e outros – Análise de Conjuntura – junho 2004 – Texto apresentado ao CONSEP – CNBB em 22/06/2004 .....	375/437
PERANI, Cláudio, SJ – Missão de Pároco: experiência limitada mas intensa .....	370/108
PINHEIRO, Aíla – Teologia: uma vocação tecida na vida .....	376/483
QUEVEDO, Luís González, SJ – Uma espiritualidade para a Vida Ativa .....	370/96
QUEVEDO, Patricia Garcia, RSCJ – Os grandes desafios da educação para o religioso/a hoje .....	369/41

RECH, Helena Teresinha, STS – Apostar na esperança. A espiritualidade como caminho de esperança .....	374/373
SANDRINI, Marcos, SDB – Linguagem, Juventude e Religião .....	372/230
SANTOS, Carlos C. – “Na casa do Senhor não existe satanás!” É diabólico ou profético o sonho de um novo concílio ecumênico? .....	377/549
SILVA, Antônio Aparecido da, FDP – Novas Gerações e Vida Religiosa .....	373/285
SILVA, Marcello Carlos da, SSS – A Espiritualidade da Mesa, da Refeição e da Festa. Uma realidade humana latente à Eucaristia .....	373/306
STADELMANN, Luís I. J., SJ – Água na Bíblia .....	371/184
STADELMANN, Luís I. J., SJ – Hino a Cristo o Verbo de Deus (Jo 1,1-5.10-12.14.16) .....	378/629
SUESS, Paulo – Pedras e horizontes para uma mística missionária militante. Apontamentos de um retiro no CIMI .....	374/364
SUNG, Jung Mo – Testemunhas de uma esperança escandalosa .....	374/353
TEIXEIRA, Faustino – O testemunho no mundo plural .....	372/202
VIEIRA, Teresinha Dorigon, IENS – A percepção da identidade feminina na mulher consagrada .....	373/296
VITÓRIO, Jaldemir, SJ – O discipulado cristão segundo Mateus – A figura de José (Mt 1,18-25) .....	378/589
VITÓRIO, Jaldemir, SJ – Poder da Fé – Poder das Armas. A experiência de Isaías, de Jesus e dos cristãos .....	372/212

## **XX Assembléia Geral Ordinária da CRB**

- Palavras de Ir. Maris Bolzan, Presidente Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil, na abertura da XX Assembléia Geral Ordinária .....
- Palavras do Mons. Franc Rodé, prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica .....
- Memória da XX Assembléia Geral Ordinária da CRB .....
- Quadro Programático da CRB 2004-2007 .....

- Palavras de Ir. Maris Bolzan, Presidente Nacional da CRB no encerramento da XX Assembléia Geral Ordinária da CRB ..... 374/339

## **CRB (Informe)**

- Mensagem ao Povo de Deus “Não podemos calar o que vimos e ouvimos” CAM2 – COMLA7 ..... 369/12
- Escola de Formação Política – Paz na Terra ..... 370/72
- O Fórum Social Mundial. Símbolo da Esperança ..... 371/136
- Carta da VI Assembléia Nacional dos Organismos do Povo de Deus ..... 372/200
- 1. Conferência dos Religiosos do Brasil – 50 anos ..... 373/264
- 2. Mensagem da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil à Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) por ocasião do Jubileu de Ouro ..... 373/266
- 3. Sessão Comemorativa – Homenagem da CNBB para a CRB Jubilar. Palavras da Presidente Nacional da CRB, Ir. Maris Bolzan, SDS ..... 373/269
- A CRB-Minas comemora o Jubileu de Ouro com uma publicação ..... 374/327
- O novo quadro Diretor da CRB , do Conselho Superior e Conselho Fiscal para o triênio 2004-2007 ..... 375/392
- 18ª Reunião do Comitê Internacional de Enlace entre Católicos e Judeus ..... 376/456
- 1. Congresso Internacional da Vida Consagrada ..... 377/520
- 2. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) ..... 377/522
- 1. Encontro da Diretoria Ampliada da CRB Nacional ..... 378/583
- 2. Carta da VR à VR ..... 378/587
- 3. Ecos do Congresso Internacional de Vida Religiosa ..... 378/588

## **EDITORIAL (Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI)**

- “Felizes os construtores da Paz” (Mt 5,9) ..... 369/1
- Ecos de Mumbay ..... 370/65

• Celebrar a Páscoa é celebrar a vida .....	371/129
• Com Maria, seguir Jesus hoje na América Latina .....	372/193
• Viver segundo o Espírito .....	373/257
• Peregrinos da fé .....	374/321
• Presença e profecia no mundo .....	375/385
• Cidadania e Testemunho Profético .....	376/449
• Paixão por Cristo – paixão pela humanidade .....	377/513
• Vida Religiosa Samaritana .....	378/577

## JOÃO PAULO II

- Um compromisso sempre atual: educar para a paz. Da mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do Dia Mundial da Paz – 1º de janeiro de 2004 .....	369/5
- Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a Quaresma 2004 .....	370/69
- Mensagem do Papa João Paulo II em perspectiva do 41º dia mundial de orações pelas vocações – 2 de maio de 2004 .....	371/132
- Mensagem do Papa João Paulo II para a celebração do 38º dia mundial das Comunicações Sociais. Tema: <i>Os mass media</i> na família: um risco e uma riqueza – 23 de maio de 2004 .....	372/197
- Mensagem do Papa João Paulo II na XIX Jornada Mundial da Juventude celebrada em Roma no Domingo de Ramos, 4 de abril. “Queremos ver Jesus” (Jo 12,21) .....	373/260
- Alocução da Audiência Geral do Santo Padre – Deus, refúgio e força do seu povo – 4ª feira, 16/06/2004 .....	374/325
- Mensagem do Papa João Paulo II para o dia mundial do turismo 2004 (27/09). “Esporte e turismo: duas forças vitais para a compreensão mútua, a cultura e o desenvolvimento dos países” .....	375/390
- Mensagem do Papa João Paulo II para o Dia Missionário Mundial 2004. “Eucaristia e Missão”. .....	376/453

- Homilia do Papa João Paulo II durante a Concelebração Eucarística para a proclamação de três novos beatos ..... 377/517
- Discurso do Papa João Paulo II na abertura do Ano da Eucaristia. Encerramento do 48º Congresso Eucarístico Internacional de Guadalajara, 17/10/2004 ..... 378/581